



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MIGUEL ALEXANDRE BATISTA COELHO

## Religiosidade popular: tradições, práticas e mitos

Dissertação final sob orientação de:  
Prof. Doutor António Matos Ferreira

Lisboa  
2017

*Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a minha caminhada vocacional e para o meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança de Deus e da força de cada um de vocês. Que este meu trabalho possa ser sobretudo o agradecimento de tudo o que Deus vai realizando em mim e por mim.*

# RESUMO

O temor às forças poderosas e adversas da natureza criou desde sempre reverência pelo desconhecido. O homem primitivo, com a sua imaginação fecunda e a sua ignorância das leis que regulam os fenómenos naturais, tinha tendência de divinizar tudo aquilo que atribuía movimento ou vida, como a água, o vento, as nuvens, os astros, as plantas, os animais, o lume e a sombra, povoando de alguma forma o universo de entidades superiores e misteriosas das quais muitas vezes se julgavam dependentes.

Com o aparecimento do Cristianismo, todas estas divindades e ritos associados foram evangelizadas, mas muitas conseguiram chegar até nós transformadas em religiosidade popular, mantendo-se vivas particularmente nos meios mais rurais, com as suas tradições, práticas e mitos. Ainda assim, hoje subsistem práticas mágicas e supersticiosas, muito delas preocupantes e diabólicas, que muitas vezes o povo confunde com a sua fé cristã. Esta dissertação faz uma leitura destas manifestações para perceber o que deu origem à religiosidade popular, através do estudo das religiões peninsulares aquando a chegada do Cristianismo a Portugal e dos factores que levaram à transformação das práticas religiosas e populares. A posição da hierarquia católica face a estes temas, nomeadamente a ação pastoral de São Martinho de Dume e do Concílio Plenário Português, surgem como fontes fundamentais para a questão.

Palavras chave: religiosidade popular, superstição, magia, mito.

# ABSTRACT

Fear of mighty and hostile forces of nature created since the beginning of times reverence towards the unknown. The primitive man, with his fruitful imagination and ignorance of the laws that regulate natural phenomena, tended to deify everything which gave life or movement, as does water, wind, clouds, stars, plants, fire and shadows, populating the universe of superior and mysterious beings of which he believed he was dependent.

With the emergence of Christianity, all these deities and associated rites were evangelized but many managed to reach us, even though transformed into folk religion, subsisting alive and vivid especially in rural areas through its traditions, practices and myths. Nevertheless, as of today magic and superstition subsist, many practices being worrying and diabolical, which can confound the faithful on matters of their faith. This dissertation studies these practices to understand what gave birth to popular religiosity, through the analysis of the religions present in the Iberic peninsula when Cristianity arrived in Portugal and of the circumstances which led to the transformation of religious and popular customs. The position taken by the Catholic hierarchy on this matter, in particular the pastoral action of St. Martin of Braga and the Plenary Council of Portugal are fundamental sources to understand this subject.

Keywords: folk religion, superstition, wizardry, myth.

# ÍNDICE

Resumo.....	3
Introdução.....	6
Capítulo I.....	9
Religiosidade popular: Tradições, práticas e mitos .....	9
1. Religião: um fenómeno de difícil definição.....	9
2. A religiosidade popular.....	13
2.1. Tradições, práticas e mitos na religiosidade popular .....	17
2.1.1. A identidade de um Povo (dimensão social e comunitária da religiosidade popular) .....	21
2.1.2. Religiosidade e superstição (a religiosidade popular como reserva de sentido).....	24
Capítulo II.....	27
As magias da Lua na Religiosidade e vivência Popular .....	27
1. O fenómeno religioso na Península Ibérica .....	28
1.1. A evolução do fenómeno religioso na Península Ibérica até à chegada do Cristianismo .....	28
1.2. A chegada do Cristianismo à Península Ibérica .....	31
1.2.1. O embate do Cristianismo com o paganismo .....	32
2. A herança das gerações passadas .....	36
2.1. Tradições e práticas.....	36
2.1.1. A lua, herança milenar: um exemplo paradigmático.....	37
2.1.2. A lua e as práticas no nascimento no séc. XXI.....	40
Capítulo III.....	43
Importância da Pastoral, na purificação da religiosidade popular .....	43
1. O combate ao paganismo: São Martinho de Dume e o Concílio Plenário Português ....	44
1.1. São Martinho de Dume .....	44
1.1.1. A influência de São Martinho na Península Ibérica. O caso do De correctione rusticorum .....	46
1.1.2. Referência de alguns dos números importantes da exortação .....	50
1.2. O Concílio Plenário Português .....	52
1.2.1. Decretos do Concílio Plenário Português.....	55
Conclusão .....	57
Bibliografia.....	61

# INTRODUÇÃO

Desde sempre fui habituado a ouvir histórias, lendas, mitos, coisas do além, que falavam de lobisomens, almas do outro mundo e nos punham em sentido e com respeito, pois muitas das histórias eram assustadoras. Cresci no meio de um povo, supersticioso, que recorre frequentemente à bruxa, independentemente da sua prática religiosa ou estrato social a que pertence. Naturalmente, o povo supõe que tudo vem de Deus e tudo é obra de Deus. Hoje em dia, ainda acontece recorrerem a quem sabe algumas rezas para curar doenças e males, para as quais a medicina ainda não tem cura, ou tendo, consideram não ser de confiança. Há ainda uma cultura da morte enraizada, quer antes da morte quer no depois da morte.

A riqueza histórico-cultural que nos foi passada de geração em geração continua a ser preservada e vivida com muita força e fé, e é por isso que a sua preservação resistiu e resiste ao longo dos anos. Desde a minha adolescência, estas “tradições” fascinaram-me pelo sobrenatural que acarretavam consigo e por todo o mistério em volta disso. Recebi também eu toda uma herança associativa e contínua do viver o dia a dia, embebido neste “mundo”.

Quando ingressei no seminário, era comum falar-mos de nós, da nossa terra, e das nossas experiências. Um dia falávamos de tradições, e eu disse que tinha sido “dado” à lua. Foi uma risada, porque ninguém me levou a sério. Nunca mais me esqueci. Na indecisão da escolha do tema para a dissertação, este foi o motivo pelo qual decidi trabalhar o tema da Religiosidade popular, procurando abordar um pouco da superstição e as suas tradições, práticas e mitos. Esta religiosidade não está tão longe de cada um. Está presente no povo de todas as regiões do país, e por ele são mantidas. Foi esta a minha motivação na realização deste tema. Ao mesmo tempo quis também aprofundar os meus conhecimentos e procurar saber de onde vinham estas tradições e como chegaram até nós. Sabendo que algumas destas tradições transmitem ensinamento e práticas questionadoras da doutrina e do culto legítimo católico, elas requerem a todo o momento uma vigilância quer por parte dos pastores, quer por partes das instâncias

superiores (magistério local, universal, etc.). No primeiro capítulo procurei uma definição do que são a religião, a religiosidade, o mito e a piedade popular, de forma a distingui-las. De seguida abordo, a título de exemplo, algumas tradições, práticas e mitos de natureza mística e supersticiosa, bem como o modo como se complementam, se misturaram ou se agregaram à fé cristã, naturalmente, nem sempre de destrição imediata. Tudo isto passado de geração em geração constrói a identidade cultural de um povo, de uma região e de uma religiosidade. Mesmo que não faça sentido, mesmo que não seja muito cristão, foi nos transmitido e fazemos pertença dela. Hoje séc. XXI, com a evolução dos povos, das migrações e da desertificação, existem outras inculturações, mas aquilo que é nosso tem outro valor. Embora o desenvolvimento tecnológico ocupe o nosso tempo e concorra para que algumas destas tradições se percam, é impressionante verificar como é que algumas se mantêm tão vivas, até nas gerações mais recentes. De onde vem toda esta herança cultural e porque é que esta se mantêm? Esta é a pergunta que está no horizonte do meu trabalho.

No segundo capítulo procurarei desvendar toda esta problemática. Pretendo neste capítulo encontrar na raiz da nossa cultura e na história das religiões no nosso território, algo que concorra para encontrar resposta à minha questão. No final abordarei de forma mais exaustiva as tradições associadas à Lua. Poderia, por isso, ter escolhido, a título de exemplo, outras tradições, mas por ter sido esta tradição que primeiramente me levou a escolher este tema, decidi dedicar-lhe especial atenção, sabendo que é apenas uma entre muitas.

Por fim, no último capítulo, para ilustrar a reação por parte da Igreja a algumas destas tradições, debruçar-me-ei em dois exemplos que, embora distantes no arco histórico, são bastante significativos e continuam, ainda hoje, atuais: a ação evangelizadora de São Martinho de Dume no século VI no seu combate às superstições e as decisões do Concílio Plenário Português em 1926 no que toca a este mesmo tema.

São apenas dois exemplos ilustrativos do que tem sido feito ao longo dos tempos para combater o paganismo e algumas práticas da religiosidade popular contrárias à fé cristã procurando evidenciar as providências e preocupações dos pastores de almas no território português.

# CAPÍTULO I

## RELIGIOSIDADE POPULAR: TRADIÇÕES, PRÁTICAS E MITOS

Não existem povos, por mais primitivos que sejam,  
sem religião nem magia<sup>1</sup>.

Bronislaw Malinowski

Numa dissertação que se dedica ao fenómeno que é a religiosidade popular nas suas tradições, práticas e mitos e no modo como foi transmitida pelos nossos antepassados, muitas delas pela tradição oral, tenho como primeiro objetivo neste capítulo definir religião e religiosidade popular e mostrar como é que estes dois fenómenos são transversais a todas as culturas. São fontes de agregação das mesmas e ainda funcionam como reservas de sentido do universo, em toda a sua extensão. Pretendo ainda, dar a conhecer “o interior” desta religiosidade popular, que se mantém viva particularmente nos meios mais rurais, com as suas tradições, práticas e mitos.

### 1. Religião: um fenómeno de difícil definição

«No coração de todas as pessoas, bem como na cultura de todos os povos e nas suas manifestações coletivas, está sempre presente uma dimensão religiosa»<sup>2</sup>.

A definição de religião depende sempre do contexto sociocultural e histórico em que é elaborada e da perspectiva teórica que lhe dá sustentação, daí as normais oscilações e hesitações

---

<sup>1</sup> Citado em, D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, Edições Afrontamento, Porto, 2007, 41.

<sup>2</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directorio sobre Piedade Popular e Liturgia*, n.10, Editorial A. O., Braga, 2003, 23

na hora de arranjar uma definição. Pelo facto de ser um fenómeno complexo e multidimensional, não há na literatura especializada um consenso sobre a definição de religião, até porque esta, enquanto ação cultural, sofre um constante processo de mudança, adquirindo por vezes determinadas acentuações e por vezes outras<sup>3</sup>.

O contexto cultural influenciava de sobremaneira a definição de religião. Nas sociedades ocidentais, onde se associa a religião à relação com algo transcendente, ela é sistema mediador entre o homem e entidades superiores. O Ocidente, altamente marcado pela cultura judaico-cristã, revela o Deus único e transcendente. Nas sociedades orientais, na grande maioria budistas e hinduístas, este Deus único e transcendente não está presente, mas antes o panteísmo, um Deus em tudo. Assim, a religião não é ligação a algo superior e transcendente, mas à própria natureza, a todos os seres vivos<sup>4</sup>.

Se quisermos ser simplistas, podemos limitarmo-nos a apresentar como definição de religião a crença em seres espirituais. Em todos os contextos históricos e culturais, as diferentes sociedades humanas acreditam que existem forças espirituais e sobrenaturais, que exercem influência ou mesmo controlo sobre o mundo e sobre o próprio Homem. A única forma que temos para manter relações com eles é tentar convencê-los ou comovê-los, seja por meio de palavras, invocações e preces, seja por oferendas e sacrifícios<sup>5</sup>.

Um dos significados mais típicos de religião, que assenta na própria origem etimológica da palavra, é *re-ligare*, religar, unir pessoas em torno de uma fé, o que une Deus ou os deuses ou qualquer outra entidade sobrenatural aos homens. Religião, poderemos nós dizer, é o laço que liga o Homem ao Sagrado e que o impede de se sentir perdido no meio de um mundo que nunca dominará totalmente<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 41-43.

<sup>4</sup> Cf. J. PEREIRA COUTINHO, “Religião e outros conceitos”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, 2012, 176.

<sup>5</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 47.

<sup>6</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 42.

Para o sociólogo e antropólogo Emilé Durkeim, toda a religião está ligada à estrutura social e forma um sistema de ideias que visa abarcar a universalidade das coisas e dar-nos uma representação total do mundo<sup>7</sup>. A Religião apresenta várias ritos e simbologias que para Durkheim causam efeitos no crente, tanto numa perspetiva social, como emocional. A religião e as suas cerimónias cumprem um papel social ao colocar várias pessoas juntas numa celebração. Durkeim definiu a religião como um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, crença e práticas que unem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que aderem a ela. Muito do que a sociedade é hoje foi constituída nas suas bases fundamentais pela religião<sup>8</sup>.

Já para Manuel da Costa Freitas, a palavra religião evoca de imediato um complexo de representações, de ritos e de observâncias que traduzem exteriormente as relações do homem com o sagrado ou o divino, adquirindo os mais diversos significados, de acordo com as culturas e as mentalidades em que se exprimem. Para este autor, a palavra religião pode designar a relação fundamental do homem com o absoluto, o transcendente e o mistério, enquanto que o conjunto das suas manifestações históricas organizadas está num sistema coerente de crenças e práticas próprias de uma determinada civilização ou cultura.

A religião é, deste modo, um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que unem numa mesma comunidade todos aqueles que a ela aderirem sendo que esta comunidade que se forma é que permite traçar a fronteira entre a magia e a religião: a religião é um fenómeno social na origem, no seu conteúdo e na sua finalidade e a causa objetiva, universal e eterna das experiências religiosas é a sociedade, pelo que nunca podemos descurar da dimensão comunitária da religião na hora de arranjar uma definição. A religião é um facto universal e um fenómeno necessário à vida coletiva pois tem como finalidade a administração do sagrado. A religião é como uma reserva de sentido capaz, oferecendo ao homem uma

---

<sup>7</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 48-49.

<sup>8</sup><https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/religiao-segundo-durkheim/50710>, (5 de Fevereiro de 2017)

resposta integral ao problema do sentido da vida e do seu destino, encaminhando-o a um ser superior do qual tudo depende e que tudo domina e governa.

As diversas ciências da religião, a história comparada das religiões, a sociedade, a psicologia e a fenomenologia das religiões, são cada vez mais unânimes em reconhecer que se encontram perante uma dimensão *sui generis* que se configura, nas suas linhas gerais, como uma relação de ser, apreendida, experimentada e expressa de modos diferentes e em diversos graus pelas consciências individuais do homem universal, que se descobre com ela profundamente comprometido e nela definitivamente realizado. Nas religiões mais evoluídas o homem exerce atos especificamente religiosos como a adoração e a invocação. Nelas o homem louva, dá graças, pede perdão, demonstrando total dependência em relação ao sagrado. Por fim, é necessário ter em conta, segundo o autor, que todo o fenómeno religioso é uma manifestação do sagrado. O homem percebe a erupção do sagrado no mundo e por ele conclui a existência de uma realidade transcendente a determinar um comportamento específico.

As religiões proféticas caracterizam-se essencialmente pela adesão prática à palavra de Deus, livremente recebida e acatada. As religiões místicas baseiam-se, por sua vez, numa experiência interior e pessoal do Absoluto. Nascidas de uma natural propensão para o absoluto, para o ser supremo, as religiões cósmicas degradam-se com frequência em magia e em idolatria<sup>9</sup>.

Do que falámos até agora, poderá ser importante destacar duas linhas de força, sempre presentes na hora de determinar uma definição de religião e que serão importantes para a nossa investigação: a dimensão social/comunitária da religião e a religião como reserva de sentido. De facto, a religião implica sempre uma procura de verdade sobre a origem e finalidade do mundo, sobre a origem do homem e sobre as suas relações com o divino, elaborando-a num conjunto de crenças<sup>10</sup>. Mas a religião é também uma forma concreta, visível e social de

---

<sup>9</sup> Cf. M. DA COSTA FREITAS, «Religião», R. CABRAL *et al.*, *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Volume 4, Edições Verbo, Lisboa, 675-686.

<sup>10</sup> Cf. M. MARIE THIOILLIER, *Dicionário das Religiões*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1990, 306.

relacionamento pessoal e comunitário do homem com Deus e entre si, um conjunto sistemático de ritos, costumes, atos, palavras culturais e relações humanas. Neste sentido, importa distinguir a religião como dimensão interior do homem e a religião como instituição externa, exprimindo-se em crenças e práticas pessoais ou colectivas. Esta disposição religiosa não constitui algo de secundário ou marginal no homem, mas insere-se nas profundezas da vida. Não há povo, por mais primitivo que seja, sem religião. Esta universalidade não é de tal ordem que tira da religião o seu carácter próprio pois, embora desenvolvida no grupo social, ela apresenta-se sempre profundamente enraizada no individuo. Trata-se de uma atitude pessoal do homem de submissão ao absoluto, manifestando-se em crenças e ritos determinados. Ela responde à mais ousada tentativa de conceber o universo com algo humanamente significativo. É a saída para o transcendente como solução para a vida do homem<sup>11</sup>.

## **2. A religiosidade popular**

Definir de forma precisa a religiosidade popular não é fácil. Ela é por vezes associada a classes subalternas, religiosidade tradicional e folclórica, religiosidade do homem médio desprovido de formação teológica especial. Os que mais intensamente viveram na primeira pessoa a religiosidade popular foram as classes excluídas “do ter”, “do poder” e “do saber”, resumidamente as populações mais pobres, os que viviam nomeadamente no interior do País, à beira mar e os que trabalhavam nos campos. Eram pessoas simples que lutavam dia a dia para “sobreviver” que depois se expandiram para os centros citadinos.

Os gestos rituais, os atos de culto, as peregrinações, as festas, os relatos e as celebrações, cultos e ritos de carácter sentimental celebrados por ocasião de acontecimentos biológicos da existência, como o nascimento, a fecundidade e por fim a morte, são realidades

---

<sup>11</sup> Cf. H. SCHLESINGER; H. PORTO, *As Religiões ontem e hoje*, Edições Paulinas, São Paulo, 1982, 229.

que estas classes populares consideram ainda hoje pela tradição, como próprias e distintas das que caracterizam a religiosidade oficial (*na sua maioria Católica*) ou de outras classes no que diz respeito à linguagem, aos gestos concretos, à intensidade emocional e participativa. Algumas das formas de religiosidade popular, consistem ainda hoje em práticas (feitiçarias, mau olhado, orações, mitos) que muitas vezes se unem a ritos cristãos, como o culto a Nossa Senhora e aos Santos e peregrinações aos Santuários. A religiosidade popular, corresponde a um complexo muito variado de expressões<sup>12</sup>.

Podemos falar de religião e de religiosidade popular, quando procuramos suportes humanos que nos capacitam a sentir a chamada da fé e a dar-lhe uma resposta. Os dois conceitos descrevem-nos o mesmo fenómeno, embora de ângulos diversos. A religiosidade popular tem muito a ver com a tendência natural do espírito humano para uma atitude religiosa. A religiosidade popular é essa aproximação manifestada coletivamente sob a forma de expressões culturais de grande significado humano e espiritual. Não tendo necessariamente relação com a revelação cristã, ela tende em sociedades de tradições cristãs a dar lugar a um “catolicismo popular”, a que normalmente não faltam elementos da cultura popular e da revelação cristã, que se manifestam numa espécie de piedade<sup>13</sup>.

A religiosidade popular é a sobrevivência de algumas crenças e práticas anteriores aos processos de cristianização que foram sobrevivendo e chegaram até nós. O desenvolvimento dos estudos etnográficos, desde o século XIX, têm divulgado inúmeras práticas mais ou menos limitadas ou difundidas, que são resquícios de mentalidades e vivências pessoais ou coletivas, anteriores à evangelização. Embora tenham sido cristianizadas com alguma profundidade elas chegaram até nós hoje<sup>14</sup>, neste sentido refere-se o etnógrafo Leite de Vasconcelos:

«De tais vestígios, há uns cujo a história podemos mais ou menos seguir, de modo geral, desde tempos remotos até hoje, há outros que não podemos relacionar diretamente com documentos antigos que conhecemos da Lusitânia, mas que, pelo seu carácter, e pela sua estranheza no meio das crenças católicas, manifestam que

---

<sup>12</sup> Cf. G. MATTAL, *Dicionário de espiritualidade*, Edições Paulinas/Paulistas, Lisboa, 1989, 1000.

<sup>13</sup> Cf. M. FALCÃO, *Enciclopédia Católica Popular*, Edições Paulinas, Lisboa, 2004, 433.

<sup>14</sup> Cf. M. CLEMENTE, *A Fé do Povo, Compreender a religiosidade popular*, Paulus, Apelação, 2002, 53.

são de natureza não cristã, é bastante difícil, e às vezes impossível, distinguir quais os que têm filiação Lusitana, quais os que a têm romana, quais os quem a têm germânica ou outra. Se com a propagação do cristianismo as entidades míticas da gentildade ao fim de certo tempo desapareceram na maior parte quanto aos nomes, não desapareceram de todo quanto às funções, porque é sabido que continuam vivendo ainda hoje sob a proteção de outras entidades. O Diabo, a Virgem Maria, o próprio Cristo desempenham muitos papéis que os antigos atribuíam aos seus Deuses»<sup>15</sup>.

A religiosidade popular é transmitida pela educação familiar, pelas sociabilidades e pela vizinhança. Tendo em conta que a religião é vivida no foro interior, pode escapar ao controlo social ou principalmente do eclesial. A religiosidade popular constitui a verdadeira cultura religiosa dos povos e dos indivíduos<sup>16</sup>. Temos também como características fundamentais da religiosidade popular o mágico, o simbólico e imaginativo, o místico, o festivo, o comunitário e o político. É necessário reconhecer que a religiosidade popular é sempre o Povo que desempenha o papel de protagonista. Trata-se de uma religiosidade gerida pelo povo.

D. Manuel Clemente, na sua obra, *A Fé do Povo* sobre a Religiosidade Popular, fala-nos também da espontaneidade e da popularidade. Podemos encontrar estes dois termos na adesão às manifestações religiosas e pagãs, que brotam naturalmente, não deixando de ser uma religiosidade básica em que o Homem procura ir mais além, e afirmar-se por ritos, tradições e práticas que o acompanham nas diversas fases da sua vida, desde que nasce até que morra, acreditando numa proteção transcendente. No início da nossa Nação, havia interesse na astrologia, procurando nas estrelas e naquilo que no céu poderíamos contemplar, o guia para a vida, a busca de respostas, as práticas e orações pagãs que completavam a magia.

Tudo estava determinado nos astros e pelos magos. Na idade média este paganismo que vai sobrevivendo é um desafio ao Evangelho e à evangelização. Apesar do Cristianismo ter saído das cidades para as zonas mais rurais e para o Mundo com o intuito de evangelizar o paganismo existente, muitas das tradições, mitos e práticas são guardadas, alimentadas e vividas

---

<sup>15</sup> Citado em, J. DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, Volume III, Imprensa Nacional-Casa da moeda, Lisboa, 1981, 593-594.

<sup>16</sup> Cf. L. MARQUES, *Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado*, Assirio&Alvim, Lisboa, 2005,16.

com conivção, motivo esse, que os fez chegar até aos nossos dias. Prova disso é que no século VI São Martinho de Dume, grande Bispo de Braga, insurge-se, contra as crenças de adivinhações, azares, culto dos astros, magias e práticas de feitiçaria<sup>17</sup>.

O homem rural aceita sem reservas a superstição e a crença contribuindo de alguma forma para a sua preservação muitas vezes pelo isolamento das comunidades rurais, pelas características naturais das suas paisagens e ambientes noturnos de medo e melancolia, as quais favorecem cenários que permitem equívocos e percepções ilusórias, responsáveis pela criação e sustento das figuras do maravilhoso popular.

Podemos dar como exemplo as inúmeras histórias acerca dos lobisomens, as bruxas nas encruzilhadas, o desassossego dos recém nascidos, a costureira tão ouvida a costurar na sua máquina depois de ter morrido, os homens que se transformavam em burros e histórias acerca das almas do purgatório. Figuras que o imaginário criou marcado pelo maravilhoso inexplicável, o que caracteriza a vivência do povo na sua relação com a terra, a natureza e o desconhecido<sup>18</sup>. Cresce-se fortemente marcados por estas crenças.

As nossas “terras”, os nossos avós, os nossos vizinhos e a sua sabedoria, representam espaços míticos, carregados de espiritualidade, onde o homem, na sua relação com os fenómenos naturais e culturais, e sempre dominado pelas inquietações do sobrenatural, preceitos da religiosidade e preocupações laborais, vai criando e alimentando os contos, as lendas e os mitos. Por isso também, através deles é possível conhecer a psicologia coletiva do povo, o seu carácter e o seu temperamento.

Não devemos confundir piedade popular com religiosidade popular. O termo piedade popular, designa as diversas manifestações culturais de carácter privado ou comunitário, que no âmbito da fé cristã, se exprimem principalmente, com formas peculiares derivadas da índole de um povo (procissões, promessas, etc.) , ou de uma etnia, e da sua cultura<sup>19</sup>. A piedade popular

---

<sup>17</sup> Cf. M. CLEMENTE, *A Fé do Povo, Compreender a religiosidade popular*, 62-72.

<sup>18</sup> Cf. A. PARAFITA, *O Maravilhoso Popular, Lendas, Contos, Mitos*, Plátano Editora, Lisboa, 2000,15-16.

<sup>19</sup> Cf. Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos sacramentos, *Directório sobre Piedade Popular e Liturgia*, Editorial A. O., Braga, 2003, 22.

exprime-se em exercícios de piedade e devoções religiosas. Ao longo da história da igreja a ela se deve boa parte da manutenção e o crescimento da fé do povo cristão, outra razão de estima pela piedade popular resulta do facto, de ela ser especialmente vocacionada para a inculturação da fé, permitindo ao povo exprimir a fé da forma mais espontânea<sup>20</sup>. A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, salienta no nº 48 que a Piedade Popular manifesta-se como “uma sede de Deus”. A piedade popular refere-se às mais variadas práticas e expressões de devoção religiosa que são criadas espontaneamente pela população e emergem espontaneamente com a religiosidade popular.

A expressão religiosidade popular traduz a realidade de uma experiência universal, no coração de todas as pessoas, bem como na cultura de todos os povos e nas suas manifestações coletivas, nas quais está sempre presente uma dimensão religiosa.

Todos os povos, de facto, têm tendência para exprimir a sua visão total de transcendência e o seu conceito de natureza, de sociedade e de história, através de mediações culturais, numa síntese característica de grande significado humano e espiritual. A religiosidade popular não tem relação, necessariamente com a revelação cristã<sup>21</sup>.

## **2.1. Tradições, práticas e mitos na religiosidade popular**

As variadas crenças e práticas, revelam de forma positiva e negativa, a integração social, a influência dos laços familiares, o nível de escolaridade, o grau da cultura enquanto visão do mundo e compreensão da vida, os valores dominantes e a relação comunitária. Na origem destas expressões populares, podemos de facto, descobrir a consciência dos limites humanos perante forças transcendentais e a necessidade de dar sentido, apoio e organização à vida humana em alturas de perigo ou nos momentos cruciais do nascimento, casamento e morte. Refletem,

---

<sup>20</sup> Cf. M. FALCÃO, *Enciclopédia Católica Popular*, Edições Paulinas, 392-393.

<sup>21</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia*, 23.

portanto, os anseios, os sofrimentos e as esperanças do povo. No ambiente laicista e agnóstico em que vivemos, encontramos ainda muitas manifestações da religiosidade popular como a magia e a superstição. As crendices não recuaram, não desapareceram num mundo mais culto e desenvolvido culturalmente, pois persistem ainda hoje.

A consulta à bruxa, aos astrólogos e as medicinas tradicionais (mézinhas) ou alternativas, parecem ter aumentado o que os torna bem vivos entre todos. Esta diversidade de expressões religiosas atesta que permanece no coração humano a procura da luz, da justiça, da verdade, o desejo de sentido, a necessidade de proteção e de relação com os mistérios de Deus<sup>22</sup>.

A magia, consiste na capacidade de manipulação das forças naturais e espirituais pela pessoa que possui determinado carisma, dom, poder ou condão natural, para contactar e coagir seres sobrenaturais (ou deuses) para atender os seus pedidos. A magia pode ser definida como palavras mágicas, fórmulas, feitiços, orações e encantos que despertam no homem forças mentais desconhecidas. Provoca esperanças milagrosas e crenças nas misteriosas possibilidades humanas de manipular e controlar as forças sobrenaturais que influenciam ou são mesmo responsáveis pelos atos humanos. A crença na magia/bruxaria constitui sempre a afirmação da capacidade do homem para provocar determinados efeitos concretos, por intermédio de ritos específicos, de um feitiço e outras práticas mágicas e religiosas. Neste contexto, a magia e a feitiçaria são conceitos muito próximos. Ambas são práticas religiosas que manipulam forças naturais e espirituais impuras, como almas penadas, objetos e animais para fins sociais maléficos.

Ao longo da história, a identidade portuguesa foi construída pelo cristianismo. Apesar da proibição por parte da Igreja Católica, principalmente com a atuação da Inquisição, as práticas magico-religiosas alternativas continuam vivas na herança cultural das nossas sociedades, nomeadamente no interior de Portugal, nas aldeias e nas vilas onde se vive a tradição dos antepassados como algo sagrado e que faz parte da identidade de um povo. Os

---

<sup>22</sup> Cf. A. LOPES; J. SERRANO, *A Reconstrução do sagrado*, Lisboa, Âncora Editora 2009, 11-12.

que acreditam no mundo da magia/feiticeira relacionam os fenômenos naturais e as doenças físicas, e psíquicas com forças sobrenaturais e acreditam que, através da magia, da feiticeira, e da bruxaria, podem dominá-las por meio de certas práticas ou fórmulas mágicas, ritos, rezas, mézinhas ou benzeduras. Falamos de bruxos/as, endireitas, *médiuns*, ervanários, curandeiras, exorcistas e alguns padres, que através de atos "mágicos", orações ou ritos concedem a cura. Nos meios mais pequenos, o sentido de comunidade é muito forte, os conflitos internos, pessoais e coletivos são atribuídos à ação de espíritos malignos, pragas, invejas, mau-olhado. Assim a bruxaria é uma prática essencial de ajuda a cada um para se defenderem das forças anti-sociais e sobrenaturais, que vivem a par com a fé católica<sup>23</sup>.

A magia perspectiva-se como manipulação ou coação de forças sobrenaturais visando a obtenção de recompensas. Ao contrário da religião, na magia há individualidade da ação, inexistência de comunidades realmente constituídas. A magia nunca deixou de acompanhar o homem pela incapacidade da religião e, depois, da ciência, resolverem questões sempre presentes: o amor, o dinheiro, a profissão e a saúde. Se a ciência não derruba toda a ignorância, sendo incapaz de solucionar alguns destes e outros assuntos, a magia poderá resolvê-los, sobretudo havendo tendências pouco religiosas. A magia perdurará por proporcionar soluções para as necessidades materiais e espirituais insatisfeitas de outras formas<sup>24</sup>.

A relação com o "divino" ultrapassa contudo, as vicissitudes institucionais, e em sociedade em que o sagrado e o profano se interpenetram profundamente, impregnam de transcendentalidade as diversas facetas das vivências quotidianas. As crenças e práticas da religião do povo podem ser sustentadas, toleradas ou ignoradas, e frequentemente recuperadas pela Igreja. O certo é que os conflitos, entre a religião popular e a igreja são inevitáveis, tanto mais que a religiosidade popular é a expressão livre dos indivíduos e da cultura enquanto que, a institucional, assenta no poder da Igreja.

---

<sup>23</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 64-68.

<sup>24</sup> Cf. J. P. COUTINHO, "Religião e outros conceitos", *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, 2012, 183.

Os conflitos religiosos revelam diferentes concepções de religião e de salvação, de bem e de mal, são conflitos de cultura<sup>25</sup>. Todo o pensamento religioso caracteriza-se por uma divisão do que é bom e do que é mau no universo, ou seja, todas as crenças religiosas conhecidas, simples ou complexas, apresentam uma característica em comum, supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois géneros opostos, o sagrado e o profano<sup>26</sup>. Todos sabemos que os mitos nascem sempre num espaço nebuloso entre a realidade e a fantasia. Sabemos também que a fantasia avança sempre quando a realidade está mal apresentada, ou mal contada. Temos como exemplo as lendas com mouros. A realidade mal contada tornou-se um campo fértil para o imaginário. Desta forma ouvimos inúmeras lendas a justificar a criação de santuários e capelas para exorcizar as forças anti-cristãs representadas pelos mouros. Para todos os efeitos, uma coisa é incontestável, a realidade começa sempre por inspirar a fantasia, e esta ganha depois toda uma dinâmica complexa de ressignificações que as comunidades chamam a si no quadro dos seus impulsos identitários.

A sociedade sempre viveu com mitos, seja quando os encaramos na sua natureza narrativa, procurando iluminar a cosmovisão de uma comunidade, seja quando os encaramos como ícones ou obsessão de um grupo, de uma geração ou de um povo. Nesta segunda natureza, o mito tanto pode ser uma entidade deificada na qual todos se revêm (o mito de D. Sebastião, ou do Pai Natal), como pode ser uma inquietação universal, seja ela o mito da beleza ou o da eterna juventude. Em nada nos podemos admirar que, há muitos séculos atrás os mitos fossem presença viva da nossa cultura<sup>27</sup>.

As práticas religiosas configuram a relação do homem com o sagrado, englobando ritos, rituais, orações e outros. Os ritos religiosos são heranças culturais religiosas que determinam formas especiais de viver as crenças, nomeadamente o culto e a devoção pessoal. Os rituais religiosos são gestos, palavras, procedimentos, imbuídos de simbolismo, que efetivam os ritos

---

<sup>25</sup> Cf. L. MARQUES, *Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado*, 16.

<sup>26</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 62-63.

<sup>27</sup> Cf. A. PARAFITA, *Antropologia da comunicação, Ritos, Mitos, Mitologias*, Âncora Editora, Lisboa, 2012, 120.

religiosos, sendo resultado das normas estabelecidas por tradições religiosas. Os rituais são as ações e os ritos são as estruturas. Por tão interligados, facilmente se confundem<sup>28</sup>.

### ***2.1.1. A identidade de um Povo (dimensão social e comunitária da religiosidade popular)***

As rezadeiras, também conhecidas como benzedadeiras, ou simples homens e mulheres comuns, possuem uma importante função na parcela da sociedade que mantêm usos e costumes tradicionais: estabelecer relações com o sagrado e com a tradição popular. Homens e mulheres respeitados entre o povo, pois possuem dons ou conhecimentos que mais ninguém tem. O recorrer a estas pessoas significa ainda hoje, que se acredita que estas sabem coisas que nem a própria ciência consegue explicar nem encontrar solução, como o tratamento do cobrão, do quebraimento, o mau olhado, espinhela caída, dor de cabeça, esfalfamento, vermelhão na pele, engasgamento, e até contra algumas enfermidades nos animais. Recorrer a estas rezas é, assim, uma prática religiosa de emergência, capaz de atender às necessidades do povo. Estas tradições têm a oralidade como meio de transmissão. Detentores de um grande saber religioso tradicional são capazes de por meio das rezas e dos rituais, curar males e devolver o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram ou deles ouvem falar.

O ofício que exercem é transmitido de geração em geração, a pessoa que aprendeu, foi escolhida para exercer tal ofício, por isso um dia também passará os seus saberes a um sucessor ou sucessora por ele/a escolhido. O conhecimento adquirido pelos mais velhos muitas vezes continua sendo transmitido aos amigos, vizinhos e familiares de modo direto, através de conversas ou presença nos rituais.

---

<sup>28</sup> Cf. J. P. COUTINHO, *Religião e outros conceitos Sociologia*, 179.

Com isso, os conhecimentos, os valores e as experiências dos mais velhos apresentam uma importante função na sociedade: manter viva a identidade, a memória e a história de vida da comunidade. As rezas ou orações, apresentam uma grande utilidade na comunidade, pois por meio delas muitos problemas são solucionados. Persistem no tempo muitas tradições supersticiosas, que delas já ninguém sabe explicar, como associar a morte ao número ímpar (três, cinco ou nove, velas acesas durante o velório), o número de esmolas a dar pela alma de quem parte (sempre em moedas, distribui-se entre três a nove pessoas, normalmente viúvas), os sinais que antecedem a morte de alguém (anunciado pelo sino da aldeia), o anúncio do cobril (pássaro que canta durante a noite) ou do mocho, ou outros sons fora do comum, que o povo associa ao anúncio da morte de alguém.

Estes homens e mulheres, rezam para vários fins, de várias formas e com várias orações. As práticas culturais relatadas pelo povo, estão diretamente relacionadas às ações vivenciadas pelas pessoas da comunidade. Nesse caso, há uma relação de pertença e identificação a uma determinada prática. Na cultura popular, a pertença revela a identidade do indivíduo e do grupo, falamos do bairrismo. No caso das rezadeiras e das pessoas que as procuram, participam de um contexto em que há necessidade de recorrer ao sagrado, às orações para resolver algum tipo de problema físico ou espiritual. Assim, a rezadeira coloca-se como parte da comunidade e da história do lugar onde vive através do seu conhecimento adquirido na própria comunidade. Diz a tradição que o ato de benzer ou de curar é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes ou sempre, se misturam o sagrado e o profano<sup>29</sup>.

De norte a sul do nosso País, são muitas as orações que servem as várias aflições do Povo e se associam às várias fases do calendário litúrgico: Advento, Natal, Quaresma e Páscoa. *A fé na cura*, que é um dom divino, a *fórmula da bênção* e a *confiança* da comunidade naquele que benze são os três elementos essenciais para compreender o povo e o benzedor. Cria-se a

---

<sup>29</sup> Cf. D. GOMES do NASCIMENTO, M. IGNEZ NOVAIS AYALA, «As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses», *Nau Literária: Crítica e teoria de literaturas*, vol. 9, n. 1, 2013. (acedido electronicamente a 24 de Janeiro de 2017, <file:///C:/Users/WRT/Downloads/43698-178500-1-PB.pdf>).

convicção de que podemos “servir-nos” do divino, para manipulá-lo com vista à utilidade própria e aos caprichos. A religiosidade que daqui resulta, é predominantemente mágico-supersticiosa<sup>30</sup>. Muitas são as promessas feitas aos santos, resultado de uma fé supersticiosa. A Igreja Católica condena, critica e não aceita muitas das práticas religiosas populares, pois estas apresentam misturas heterodoxas, onde se confundem o folclore, a superstição, a magia e a fé religiosa original<sup>31</sup>.

A religiosidade popular sempre acompanhou o homem, a sociedade e as religiões institucionais. O estudo e o interesse por esse fenómeno aparecem como fruto da tomada de consciência, que é totalmente contemporânea para nós. Os estudos da religiosidade do povo, são importantes, porque, de um lado, nos permitem identificar a alma e a orientação profunda da cultura contemporânea e do outro lado, oferecem-nos a possibilidade de inserir o fenómeno num contexto mais amplo, em que são menos possíveis leituras preconceituosas e interpretações ingênuas ou simplórias. Quando se questiona a religiosidade do povo para captar o seu sentido profundo, ficamos surpresos porque nos apercebemos que não se trata de matéria de carácter supersticioso ou mágico ou formas irracionais de expansão dos próprios sentimentos e da própria impotência, antes de compreender um conjunto simbólico e ritual que tem a sua origem histórica precisa, e que, apesar de se achar cheio de elementos culturais difíceis de decifrar, há um forte sentido de dependência.

A religiosidade popular apresenta-se como uma experiência antropológica profunda, anterior ao cristianismo, uma experiência vivida em simultâneo com o sentimento da vizinhança da natureza e o desejo de ser por ela protegidos, em que a vida e a morte não são apenas dados anagráficos mas sim momentos supremos de aproximação de outro mundo mais real. Assim a religiosidade popular surge como a língua materna religiosa, falada por todos os homens. Não se trata de querer voltar ao arcaico, de nos deixarmos guiar pelo inconsciente ou pela saudade das origens num clima romântico renovado, mas a um justo equilíbrio em que compreendemos,

---

<sup>30</sup> Cf. G. MATTAL, *Dicionário de espiritualidade*, 1004.

<sup>31</sup> Cf. D. RODRIGUES, *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 81.

que a religiosidade do povo não é alternativa nem para a cultura nem para a religião cristã, mas é antes matriz profunda em que a cultura e o cristianismo encontram uma vivência a que não podemos deixar de referir<sup>32</sup>.

### ***2.1.2. Religiosidade e superstição (a religiosidade popular como reserva de sentido)***

Muitos de nós continuamos apegados à superstição, por vezes tomando atitudes vulgares, tendo-as, erradamente, como expressão de fé religiosa. Crente ou não crente, a superstição não pode deixar ninguém insensível, tanto mais que a superstição não é um mal apenas de hoje. Acompanha o homem desde os primeiros tempos. A superstição invade todos os estratos sociais e a ela estão ligados por exemplo, os jogadores de futebol, que não querem entrar em campo com o pé esquerdo, ou sem se benzerem e tocarem com a mão no chão, na relva que vão pisar.

A superstição, nascida do temor, da fraqueza da imaginação, da soberba do homem, acaba por o abater em vez de o elevar, por denegrir em vez de o exaltar, por reduzi-lo ao nível das mais baixas ambições<sup>33</sup>. A superstição consiste em dar crédito a presságios, é o contrário da oração, diálogo com Deus. Em muitos dos casos, a superstição nasce, no meio cultural em que vivemos, como herança devido a tradições enraizadas nas várias regiões. A superstição, em muitos casos, manifesta-se quando se perde a prática religiosa e procuramos substituí-la ou alimentá-la, em crenças e bruxarias, o que demonstra falta de maturidade religiosa. Ninguém quer estar sujeito a leis que contrariem os maus hábitos.

O supersticioso procura encontrar um “diálogo” com as forças obscuras da criação e demoníacas. A superstição tem a ambição de entrar nos segredos das coisas ocultas e de pactuar com elas, de submeter-se ao seu poder e dominá-las. Mas em vez de paz e sossego espiritual,

---

<sup>32</sup> Cf. J. CASTELLANO, *Dicionário de Liturgia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992, 1006-1008.

<sup>33</sup> Cf. C. VERISSIMO, *Rezas antigas o povo de Sesimbra*, Câmara Municipal de Sesimbra, 2000, 150.

a superstição gera o desequilíbrio psíquico e horrores incontáveis, podendo até infiltrar-se na religião, corrompendo a piedade, a moral cristã e, como consequência estragar, a vida de muitas pessoas.

O homem é um ser fundamentalmente religioso e tem fome de Deus, por isso, ouvimos dizer que quando o homem fecha a porta à religião, abre a janela à superstição. Entre os povos incultos houve sempre tabus ou medos condenáveis, resultado de observações erradas de Deus ou da religião. Os fatos naturais como já referimos algumas vezes, os quais o homem não sabia compreender, eram interpretados como forças do bem e do mal. A superstição sempre se praticou em todos os povos e em todos os tempos.

A superstição nasce da ignorância, que tanto pode existir no homem mais rural, como no homem dito civilizado, cidadão, que se não manda ler a sina na sua mão, marca consulta com espíritos e astrólogos, não deixa de ler diariamente o seu horóscopo entre múltiplas práticas<sup>34</sup>. Por vezes, as pessoas de espírito mais fraco ou afetadas por doenças do foro psíquico julgam ver ou ouvir fantasmas ou pessoas que já faleceram, fruto da imaginação doentia, ou pela tradição de ouvir histórias antigas. O fenómeno religioso chega a revelar-se, nestes casos, em pessoas com pouca prática Religiosa ou com uma fé escassa ou sofrida. Ainda é comum nos dias de hoje haver quem saiba contar estas histórias e de alguma forma explorar os medos das pessoas ingénuas ou de espírito fraco, medos que guardamos dentro de nós. Não é fácil vencê-los, porque já vêm de longe e nos chegam através de uma tradição secular, o que leva ainda hoje muitos de nós a recorrer às curandeiras e às bruxas, por amor, por vingança ou por inveja.

São muitos e variados os objetos supersticiosos que as pessoas ainda trazem consigo e que atribuem a virtude de afastarem os perigos, doenças, maus olhares entre outras. A sua origem remonta aos tempos mais antigos. O homem sempre usou amuletos como possuidor de virtudes naturais. Estas credices entram nalgumas pessoas, independentemente da sua formação, como micróbios, e tornam-se contagiosas, por vezes degeneram em praga, que

---

<sup>34</sup> Cf. C. VERISSIMO, *Rezas antigas o povo de Sesimbra*, 126-130.

prolifera por toda a parte e penetra até dentro da própria Igreja, que apesar de se lhe opor e combater, viu, algumas vezes, em vão os seus esforços, e assim tais superstições, como ervas daninhas, acabaram por se expandir, sobretudo na Idade Média.

Não é difícil nos dias de hoje vermos as pessoas a quererem estar bem com Deus e com o diabo, trazendo ao peito uma mistura de amuletos e talismãs, crucifixos, medalhas de Nossa Senhora, olho de Fátima, um corno, um buda, e principalmente o cinco Saimão<sup>35</sup>, muito usado entre nós, desde o berço, para afastar o mau olhar e a inveja de quem se aproxima da criança ou de quem o usa<sup>36</sup>. O uso de amuletos é para “dar” sorte e deve-se ao facto de o homem, no seu imaginário sobrenatural, ao ver-se rodeado de seres maldosos, procurar sempre opor-lhes resistência, assim não deixa de recorrer aos meios que ele julga sobrenaturais e misteriosos. Os amuletos são dotados segundo o povo de virtudes maravilhosas contra o mal<sup>37</sup>. A superstição é a crença na integração da existência individual na ordem cósmica, mas que não se baseia em evidências empíricas, nem se incorpora em sistemas religiosos. Supõe confiança irracional no destino e/ou na influência de forças sobrenaturais, de espíritos ou de astros, decompondo-se em presságios, tabus, feitiços e objetos.

A crença no destino, na impotência para alterar o rumo da sua vida, torna o homem refém de presságios ou de tabus. Presságios, como encontrar gatos pretos na rua ou partir espelhos, e tabus, como passar por debaixo de escadas ou abrir guarda chuvas dentro de casa, são sinais de má sorte futura. Utilizando feitiços (bruxaria, *vudu*, etc.) ou objetos (trevo de quatro folhas, corno, ferradura, pé de coelho, etc.) de eficácia mágica a má sorte pode ser esconjurada. Para conhecer o seu destino mais ou menos alargado, o homem socorre-se de rituais como a leitura de horóscopo, a interpretação de cartas (tarot) ou outras formas de vidência astrológica.

---

<sup>35</sup> O Cinco Saimão ou signo Saimão, é composto por uma estrela de David, uma ferradura da sorte, uma figa, um corno e uma meia lua. Esta simbólica é curiosamente sincretismo de várias tradições de religiosidade.

<sup>36</sup> Cf. C. VERISSIMO, *Rezas antigas o povo de Sesimbra*, 133-134.

<sup>37</sup> Cf. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume I*, 111.

# CAPÍTULO II

## AS MAGIAS DA LUA NA RELIGIOSIDADE E VIVÊNCIA POPULAR

Mil gerações, raças diversas, passaram pelo solo de Portugal,  
e nenhuma morreu sem deixar de si um vestígio,  
um legado às porvindouras eras.

Antero de Quental, “*Infante D. Henrique*” (1893).

Adentrando-me mais a fundo nas tradições, práticas e mitos da religiosidade popular considero agora de forma mais exaustiva as tradições associadas à Lua.

Procurarei, num primeiro momento, perscrutar a origem destas tradições e de onde vem a amálgama de práticas associadas à lua. Para isso, investigarei na história das religiões peninsulares as tradições mais antigas e o modo como foram cristianizadas ou se mantiveram até aos dias de hoje. Procuo então conhecer um pouco da nossa cultura e tradição, tendo como ponto de referência, o século I e o século III, com a chegada do Cristianismo, e todas as transformações que esta nova religião trouxe á cultura Peninsular de então e como é que a história das religiões peninsulares nos ajuda a compreender a origem de muitos mitos, práticas e tradições, como a da Lua. De seguida, centrar-me-ei nas práticas associadas à Lua. Como já disse na introdução, a Lua, foi o mote principal para o tema da minha dissertação, nomeadamente “o dar a criança à Lua”, tradição esta que, em muitas regiões do País sofreu evangelização e passou de entregar a criança à Lua, a pedir junto do altar de um Santo de devoção a sua proteção para a vida. No entanto verifiquei durante a elaboração do trabalho que, de norte a sul do País, esta tradição da lua ainda é comum, assim como o culto da lua.

# 1. O fenómeno religioso na Península Ibérica

## 1.1. A evolução do fenómeno religioso na Península Ibérica até à chegada do Cristianismo

A Humanidade percorreu uma longa história cultural e religiosa desde os tempos em que os primeiros representantes da nossa espécie surgiram no contexto da evolução. Apareceram milhares de religiões, com diversos mitos, teologias, práticas e instituições, algumas marcaram as conceções e os projetos de vida durante vários milénios ou séculos. As religiões mundiais surgiram a partir de meados do primeiro milénio antes de Cristo. Nem todas foram bem sucedidas, outras conseguiram vingar.

De qualquer modo, hoje, no início do terceiro milénio depois de Cristo, uma parte da humanidade, pertence a uma destas religiões, outros continuam a praticar formas anteriores de religião. A história da humanidade deu origem a uma quantidade quase interminável de religiões, religiões de clãs e religiões tribais, religiões étnicas, nacionais e universais, religiões que surgiram da evolução e religiões com origem num fundador, religiões primitivas, religiões superiores e religiões mundiais. As religiões passaram todas elas por fases diferentes, por movimentos reformadores e por períodos de estagnação, retomaram influências de outras religiões, integrando-as de forma sincrética ou combatendo-as<sup>38</sup>.

Muitos dos nomes das nossas terras provêm de nomes pré-romanos, das tribos da Lusitânia<sup>39</sup>, de onde vem grande parte dos nossos costumes, tradições, superstições e lendas do nosso povo, que datam do paganismo, pois um bom número das nossas povoações correspondem a antigas povoações lusitanas ou luso-romanas. Sem dúvida alguma que, no viver do nosso povo português, um dos elementos mais importantes é a religião.

---

<sup>38</sup> Cf. K. HEINZ OHLIG, *Religião – Tudo o que é preciso saber*, Casa das Letras, Cruz Quebrada, 2007, 7-13.

<sup>39</sup> A Lusitânia romana incluía aproximadamente todo o atual território português a sul do rio Douro, mais a Estremadura espanhola e parte da província de Salamanca. Tornou-se uma província romana a partir de 29 a.C. foi o nome atribuído na Antiguidade ao território oeste da península Ibérica onde viviam os povos lusitanos desde o Neolítico.

Medianeira entre o natural e o sobrenatural, por vezes a religião produz nos homens uma espécie de abstração da realidade que, pelo misticismo ficam alterados, quem neles participa. A história Religiosa do nosso território, começa nos tempos muito remotos de civilização. A Lusitânia torna-se uma realidade central com a vinda dos Romanos para a Hispânia, região onde posteriormente se instalaram sucessivamente outros povos, como suevos, visigóticos e berberes muçulmanos, nomeadamente nos séculos V a VIII d.C.<sup>40</sup>.

No século I a.C., a Península Ibérica era habitada por vários povos celta-europeus que viviam entre o Tejo e o Guadiana. A norte do Tejo viviam os Lusitanos que, tal como os celtiberos, foram as duas grandes nações hispânicas de origem continental. Estes povos nunca se fundiram, pois tudo indica que resultaram de duas vagas de emigração, em épocas distintas<sup>41</sup>. Povos muito religiosos, praticavam as religiões de âmbito indo-europeu onde eram sacrificados aos deuses a cabra, a ovelha, o touro, o cavalo, e o homem.

A Religião, como todas as “criações” humanas teve princípios simples e humildes. Não se chegou à conceção de grandes divindades repentinamente. O homem primitivo, com a sua imaginação e a sua ignorância das leis que regulam os fenómenos naturais, tinha como tendência divinizar tudo aquilo que atribuía movimento ou vida, nomeadamente a água, o vento, as nuvens, os astros, as plantas, os animais, o fogo, a sombra, povoando de alguma forma o universo, de entidades superiores e misteriosas, das quais muitas vezes se julgavam eles dependentes. Inicialmente constituíram como matéria religiosa as causas naturais (*cheias, fogos, sismos*), depois vieram as crenças nos espíritos nomeadamente no animismo<sup>42</sup>, o espiritismo, e o feiticismo<sup>43</sup>, a conceção de amuletos e de símbolos<sup>44</sup>.

---

<sup>40</sup> Cf. J. VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume I*, XXVI-XXXI.

<sup>41</sup> Cf. F. BEIRÃO, *História de Alcains*, Alma-Azul, Coimbra, 2003, 43.

<sup>42</sup> visão de mundo em que entidades não-humanas (animais, plantas, objetos inanimados ou fenómenos) possuem uma essência espiritual.

<sup>43</sup> Culto aos objetos tidos como poderosos e/ou sobrenaturais; adoração aos objetos que podem representar entidades (santos) ou àqueles que estão associados à magia.

<sup>44</sup> Cf. J. VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume I*, 96.

Nas religiões primitivas o homem acreditava em deuses protetores e bons, coexistindo com poderes destruidores e misteriosos. Não havia distinções entre seres animados e inanimados, entre o mundo do além e daquém. Tudo era possível e acontecia por força de um significado místico. Dependendo da natureza, achavam que se não cumprissem certos sacrifícios e ritos, os fenómenos naturais não aconteciam. Naturalmente, viviam num constante estado de alarme e terror<sup>45</sup>.

Podemos concluir que a Lusitânia foi sendo conquistada pouco a pouco pelos Romanos. A romanização operou-se lentamente, sendo as populações do sul, mais cultas e pacíficas, as que primeiro e mais facilmente receberam a influência da civilização romana, que se manifesta em profundas transformações políticas, intelectuais, e materiais, dando origem à civilização Luso-romana. À medida que se propagou a civilização romana, na qual está implícita a religião, como era natural, as crenças já existentes aquando da ocupação não se extinguiram de repente. Pelo contrário, observou-se como que uma imiscuidade das práticas ancestrais com as novas práticas trazidas pelos povos conquistadores. Por exemplo, os romanos trouxeram o culto da suas divindades, sendo que estes cultos rapidamente se misturaram com as práticas locais já existentes<sup>46</sup>.

Na época Luso-romana, o número de divindades cresce, mas não num simples fenómeno de adição. De facto, houve a identificação de alguns dos deuses nativos com as divindades greco-romanas trazidas pelos colonizadores tais como, *Júpiter*, *Cibele*<sup>47</sup> e *Mitra*<sup>48</sup>, para além das divindades do céu e da terra<sup>49</sup>. Na Lusitânia existiam, entre outros, o culto de Atégina, deusa da fecundidade, e do Endovélico, nome que significa «o muito bom», ambos talvez de origem

---

<sup>45</sup> Cf. H. SCHLESINGER; H. PORTO, *As Religiões ontem e hoje*, 230.

<sup>46</sup> Cf. J. VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume, III.*, 193.

<sup>47</sup> Deusa originária da Frígia. Designada como "Mãe dos Deuses" ou Deusa mãe, simbolizava a fertilidade da natureza. O seu culto iniciou-se na região da Ásia Menor e espalhou-se por diversos territórios da Grécia Antiga.

<sup>48</sup> deus do Sol, da sabedoria e da guerra na mitologia persa. Ao longo dos séculos, foi incorporado à mitologia hindu e à mitologia romana.

<sup>49</sup>Cf. A. ROQUE DE ALMEIDA, *A história da Igreja em Portugal*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1996,14-15.

céltica<sup>50</sup>. Ao lado destas divindades abstratas, adoravam-se os astros, os animais, as plantas, fontes, rios e montanhas e prestava-se culto aos mortos e às forças da natureza, em ritos supersticiosos. A romanização, teve como primeiro efeito substituir algumas divindades e implantar novos cultos. Os Romanos não tinham receio das divindades adoradas pelos seus inimigos, pois acreditavam na ação delas. Contudo, à medida que a romanização caminhava, os povos da Lusitânia iam esquecendo, ou pelo menos substituindo as crenças tradicionais, porque é raro que os sentimentos religiosos desapareçam de todo. A maior parte das vezes transformam-se, ou quando muito enfraquecem<sup>51</sup>.

## 1.2. A chegada do Cristianismo à Península Ibérica

Existem dúvidas acerca da Cristianização da Península Ibérica, atribuída muitas vezes aos Apóstolos. De facto, os nomes dos primeiros bispos refletem, antes de mais, a vontade de afirmar que a cristianização da Hispânia remonta a época Apostólica<sup>52</sup>. A falta de informações concretas sobre as origens da propagação do cristianismo, deu lugar a uma série de tradições. Uma delas, fundamentada na Carta aos Romanos entre o ano 57 e 58, argumenta que São Paulo foi preso e levado para Roma durante dois anos. Este episódio poderá ter modificado os projetos de S. Paulo referentes à viagem que queria realizar até Espanha<sup>53</sup>. Uma outra diz-nos que foi S. Tiago quem pregou pela Hispânia, o que não é irreconciliável com a anterior<sup>54</sup>.

O que é certo é que a fé cristã se espalhou e desenvolveu sob o impulso de varões piedosos, uns naturais da Península, outros estranhos devido à diversidade de povos e culturas

---

<sup>50</sup> Os Celtas eram os povos de família linguística indo-europeia que se localizavam no Oeste da Europa reunidos em diversas tribos.

<sup>51</sup> Cf. J. VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume, III*, 194-195.

<sup>52</sup> Cf. C. MOREIRA AZEVEDO, *História Religiosa de Portugal*, Volume I, Circulo de Leitores, Rio de Mouro, 2000, 19.

<sup>53</sup> «Quando partir para Espanha irei ter convosco; pois espero que de passagem vos verei, e que para lá seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia. Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Porque pareceu bem à Macedônia e à Acácia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém. Isto lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais. Assim que, concluído isto, e havendo-lhes consignado este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha.» (Romanos 15, 24-28).

<sup>54</sup> Cf. F. DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, Volume I, Portucalense Editora, Barcelos, 1967, 11.

existentes. A importância comercial que a Espanha tinha a nível mundial, o facto de nela habitarem Judeus, Gregos e Romanos poderá ter suscitado a evangelização por parte dos Apóstolos, ou dos seus discípulos. Como nas outras regiões do Império, o Cristianismo teria entrado na Lusitânia romana através de duas vias principais, a dos mercadores e dos marinheiros pelos portos, e a dos mercadores e dos soldados pelas estradas. O exército deve ter constituído, um importante canal de penetração do cristianismo, pois não podemos esquecer que os legionários, afastavam-se dos seus territórios e naturalmente partilhavam as mesmas convicções religiosas como um forte sentido de solidariedade uns com os outros e de união. Outra prova da penetração do cristianismo foi a perseguição de Diocleciano que, desde o ano 303 fez alguns mártires nas várias cidades da Lusitânia, nomeadamente em Mérida, Lisboa, Ávila e Évora<sup>55</sup>.

O cristianismo quando penetrou na Península Ibérica, através dos canais do Império Romano, foi encontrar um fundo religioso constituído por uma multiplicidade de deuses e de cultos, pelo que facilmente se compreende que restos do paganismo germânico e latino e das religiões pré-romanas dos povos da Lusitânia se conservassem infiltrados nas crenças do povo agora cristão<sup>56</sup>. De facto, a multiplicidade de superstições e cultos idolátricos e a decadência de costumes importada de Roma, e a sua penetração com as práticas cristãs eram os maiores obstáculos que se ofereciam à conquista cristã<sup>57</sup>.

### ***1.2.1. O embate do Cristianismo com o paganismo***

A partir do século IV o termo pagão tornou-se pejorativo de não cristão, designa aqueles que ainda não acreditavam em Cristo ou não o seguiam totalmente. Este termo tem sido usado para designar os adeptos das religiões não monoteístas, sobretudo nas terras de missão e daqueles que não têm religião ou fazem da religião, a sua religião.

---

<sup>55</sup> Cf. C. MOREIRA AZEVEDO, *História Religiosa de Portugal*, 18.

<sup>56</sup> Cf. C. MOREIRA AZEVEDO, *História Religiosa de Portugal*, 13

<sup>57</sup> Cf. P. M. OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, Europa América, Mem-Martins, 1994, 21.

O que no meio de tudo resta incontestável é que o cristianismo se propagou cedo na Espanha, e tais progressos fez, que já nos fins do século II, Santo Ireneu invocava a autoridade das igrejas peninsulares para combater os hereges. Pelo mesmo tempo ou pouco depois, Tertuliano dava o cristianismo como seguido em toda a Espanha<sup>58</sup>. É provável que as primeiras conversões ao Cristianismo dos camponeses dentro do Império não tivessem geralmente resultado de pregações do clero citadino, mas do exemplo dos proprietários rurais que se tornaram cristãos. A sua conversão deve ter arrastado consigo o batismo das centenas ou milhares de escravos, clientes e colonos que deles dependiam. Podemos nós admitir que os escravos domésticos e alguns clientes, em íntimo contato com os seus senhores, assimilassem rapidamente a nova religião. Para a maioria dos membros da aristocracia, as superstições, a rudeza de costumes e a limitação intelectual dos trabalhadores rurais situava-os num plano de tal modo inferior que dificilmente os podiam considerar capazes de assimilarem uma religião exigente e civilizada e de a praticarem com rigor. É provável, portanto, que se limitassem a promover o seu batismo, mas não os considerassem capazes de alterar os seus costumes<sup>59</sup>.

A Lusitânia, assim como todo o Império Romano, com a cristianização começa a sofrer algumas mudanças significativas. Os cristãos e toda a organização clerical existente, colocaram-se perante os desafios de aprofundar a sua identidade, primeiro face às medidas de um Império pagão que lhes era contrário e de seguida face aos pagãos existentes na Península. Embora aparentemente cristãos, mantinham-se entre eles as práticas pagãs, ao culto das divindades e da morte, o que originou alguns conflitos no seio da Igreja Católica, em nascimento por terras Lusitanas. Todos estes problemas foram debatidos no Concílio de Elvira.

O Concílio de Elvira foi um Concílio regional celebrado no início do século IV em Elíberis ou Ilíberis (Elvira), uma antiga cidade da Hispânia romana. O Concílio produziu um conjunto de 81 cânones que regulam vários aspetos da vida cristã, como o celibato clerical, o casamento, a idolatria, o batismo, a excomunhão, o relacionamento com os judeus e

---

<sup>58</sup> Cf. F. DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, Volume I, 12.

<sup>59</sup> Cf. J. BELINQUENTE, *História da catequese*, Volume I, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2011, 107

as heresias. As actas do Concílio, atestam a convivência dos Bispos e de outros clérigos com os pagãos, condenando várias práticas que resultam da sua convivência com as mesmas<sup>60</sup>.

O Concílio constitui assim um momento capital para o conhecimento do Episcopado no que diz respeito ao combate a um paganismo ainda florescente em relação à fé católica. Era sem dúvida uma luta, um combate ao paganismo, uma luta contra os cultos politeístas. Através dos cânones, referentes ao paganismo, podemos deduzir, que a sua propagação não era apenas um problema pastoral, mas também político.

No Concílio de Elvira os representantes da igreja hispânica insurgem-se contra a sobrevivência do culto imperial<sup>61</sup>. Não nos podemos admirar que as elites locais do século III/IV, mesmo cristianizadas, se vissem tentadas a participar no culto imperial, o qual se tinha tornado um autêntico ritual de promoção política e social ao serviço da união do Império. É a partir do século IV, que a igreja hispânica em pleno desenvolvimento dotou-se de limites bem precisos, limites externos, que opunham os cristãos aos pagãos, aos judeus e aos muçulmanos, limites internos que distinguiam os bons dos maus cristãos, os ortodoxos dos heréticos e dos cismáticos, entre os quais foram colocados os supersticiosos que praticavam formas pervertidas de religião.

Na sequência do édito de Milão, de 313, que estabelecia a liberdade de culto, da legislação de Constâncio, em 341, em que proibia os sacrifícios pagãos, e da oficialização do cristianismo com Teodósio em 394, impôs-se a adaptação dos antigos templos à nova religião, o cristianismo. Com o avanço do processo de cristianização, passou a ser muito significativa a presença de um Santuário cristão no local onde existia anteriormente um santuário dedicado a outros deuses<sup>62</sup>. Por exemplo, muitas das capelas cristãs da Beira-Baixa, onde ainda hoje decorrem solenes romarias, terão vindo destes tempos onde se prestaria culto a alguma divindade romana ou pré-romana.

---

<sup>60</sup> Cf. C. MOREIRA AZEVEDO, *História Religiosa de Portugal*, 20- 21

<sup>61</sup> Um imperador falecido considerado digno de honra podia se tornar uma divindade do Estado romano.

<sup>62</sup> Cf. C. MOREIRA AZEVEDO, *História Religiosa de Portugal*, 21.

Estas divindades serviam para proteger os homens e também, para alcançar a fecundidade dos campos<sup>63</sup>. A partir do ano de 409/411 a situação política na Península Ibérica alterou-se radicalmente com a entrada dos povos germânicos e sobretudo com a fixação dos suevos e dos visigodos na Galécia (norte de Espanha) e na Lusitânia, trazendo com eles mais crenças, rituais supersticiosos e cultos idolátricos antigos. Todavia, com a propagação do Cristianismo impôs-se às práticas e cultos pagãos. Os nomes dos diversos deuses foram desaparecendo, os Santos, a Virgem Maria e o próprio Cristo foram pouco a pouco desempenhando, ao nível da ação da igreja, algumas das funções que os antigos atribuíam aos seus deuses. Os Santos começaram, ao longo dos tempos a ser apresentados, efetivamente, como os enviados de Deus capazes de proteger os homens das forças maléficas<sup>64</sup>. Apesar de tudo, a adoração dos deuses pagãos permanecia viva entre os camponeses que continuavam a invocá-los nos montes, nos bosques, nas fontes ou nos rios. As práticas ancestrais persistiam sob a aparência de cultos cristãos, no período suevo e visigodo. Por exemplo, as fontes miraculosas, frequentemente cristianizadas e invocadas com nomes de santos, continuam a guardar, como pano de fundo, as divindades antigas. A tentativa de erradicação dos cultos pagãos, mágicos e supersticiosos nos territórios a cristianizar fez com que a igreja, ao longo da antiguidade, tivesse condenado um grande número de práticas e crenças menos claras, reforçando a sua imagem<sup>65</sup>.

Com o avançar do tempo, o paganismo continuou sempre na clandestinidade, misturado com a piedade do povo e da fé cristã. As devoções, as bruxas, as lendas, os mitos, nunca desapareceram totalmente, permaneceram enraizadas na cultura do nosso povo. No século XVII, aparece o tribunal do Santo Ofício, que vem combater os que negam a fé Cristã, e aqueles que são acusados de heresia, bruxos, mágicos, Judeus. Hoje século XXI, parece que nada mudou, pois ainda está entranhado no sangue do povo este tipo de práticas supersticiosas de

---

<sup>63</sup> Cf. F. BEIRÃO, *História de Alcains*, 43.

<sup>64</sup> Cf. C. MOREIRA AZEVEDO, *História Religiosa de Portugal* 21-22.

<sup>65</sup> Cf. A. ROQUE DE ALMEIDA, *A história da Igreja em Portugal*, 22.

norte a sul do País. Facilmente encontramos no meio rural, embora também haja nos meios citadinos, quem saiba benzer o quebranto, consulte a bruxa, entre outras expressões ou ritos populares.

O Reino de Portugal foi-se formando aos poucos, com invasões, conquistas, onde a fé cristã era protagonista no entusiasmo e na proteção nas grandes batalhas. Além mar Portugal no século XVI, conquistou o Mundo, descobrindo novas terras, novos mares, espalhando a fé Cristã ao mesmo tempo que ia descobrindo outros povos, outras culturas, outros tipos de religião e religiosidades, que mais uma vez se foram inculturando entre os povos, influenciando as religiões e o aparecimento de outras.

## **2. A herança das gerações passadas**

### **2.1. Tradições e práticas**

Pelo isolamento das comunidades rurais, pelas características da sua paisagem e ambientes noturnos de medo e soturnidade de quando ainda não existia eletricidade, tem favorecido a criação de cenários que permitem os equívocos entre o real e o “fantástico”. Esses equívocos e as perceções ilusórias que lhes estão associadas têm sido responsáveis pela criação e sustento das figuras do maravilhoso popular que ilustram grande parte da grande literatura oral do nosso Portugal, figuras que o imaginário gerou num contexto marcado pelo maravilhoso e o inexplicável, que caracteriza a vivência do povo na sua relação com a terra e a natureza.

Todas estas “crendices” podem ou não ser fruto do nosso imaginário coletivo, especialmente na literatura popular de tradição oral, muito isto, são histórias, sob a forma de lendas, contos populares ou mitos. Na verdade, nos serões à lareira, o imaginário do povo era invadido, e não raramente, atormentando, por verdadeiras histórias de arrepiar, que introduziam sobretudo os mais novos, precocemente nos pavores da superstição, ao mesmo tempo que os ajudavam a crescer, a saber encorajar contra os medos e a enfrentar os riscos que a vida reserva.

Nas lendas e nos velhos contos populares é, por isso, frequente a presença de almas perdidas, bruxas, lobisomens, moiras encantadas, entre outros seres míticos<sup>66</sup>.

As próprias bruxas frequentam a Igreja e aconselham os seus seguidores a rezar missas pela alma dos defuntos que as atormentam, a rezar um vasto número de orações, a usar água benta e a acenderem velas sempre em número ímpar. Na missa entre a elevação da hóstia e do cálice manda rezar “pragas” por elas ensinadas para que Deus “fulmine” a pessoa visada ou dê solução para o mal que as apoquentam. Recomendam o uso de sal, purgas, defumadores e inúmeras mézinhas, dependendo daquilo que nos aflige. É frequente hoje, encontrar sobre os bancos das igrejas, orações fotocopiadas a Santa Rita de Cássia e a São Judas Tadeu, santos que o povo batizou das causas impossíveis. Entre nós, ainda há quem saiba interpretar os nossos sonhos, quando sonhamos com flores, azeitonas, água e outros<sup>67</sup>. Uma das manifestações mais simples das práticas da religiosidade é a oração O culto pressupõe um oficiante que pode ser um fiel qualquer (*orações vulgares*), pai de família ou patriarca do clã<sup>68</sup>.

### ***2.1.1. A lua, herança milenar: um exemplo paradigmático***

Como ser eminentemente social, o homem nasce, cresce e morre dentro de uma determinada cultura. Qualquer que seja a cultura que o integra ou a época em que decorre a sua existência, a sua inteligibilidade, o conhecimento do homem, aqui e agora, faz apelo às suas três componentes fundamentais: a coordenada biológica, psicológica e sociocultural. A primeira, refere-se à existência do corpo, a coordenada psicológica, diz respeito ao espírito, fornecendo as características de pessoa singular, evoluindo no seio de uma cultura. A componente cultural traduz o processo de enculturação ou de socialização, a que todo o indivíduo se encontra sujeito desde o nascimento, e lhe permite interiorizar a cultura do grupo a que pertence. Deste modo, as determinantes culturais, usos, costumes e tradições ancestrais,

---

<sup>66</sup> Cf. A. PARAFITA, *O maravilhoso popular*, 14-16.

<sup>67</sup> Cf. C. VERISSIMO, *Rezas antigas o povo de Sesimbra*, 134-135.

<sup>68</sup> Cf. A. ANDRÉ, *Dicionário de Antropologia*, Verbo, Viseu, 1972, 135.

são ainda hoje laços muito fortes, que condicionam o comportamento. Em todas as culturas há que entender que o momento de nascer representava um risco de onde vinha muitas vezes o falecimento dos dois intervenientes.

Manter a morte afastada pela proteção dispensada ao recém-nascido e à sua mãe, era sem dúvida um objetivo<sup>69</sup>. Colocado no seio do Universo, e dependente de tudo o que o cercava era natural que o homem ainda desprovido do conhecimento das leis da física, e do conhecimento da ciência, divinizasse a Natureza, rezando-lhe ou amaldiçoando-a, fazendo-lhe ofertas, opondo-lhe amuletos e fórmulas mágicas.

Tudo aquilo que se sabe das crenças selvagens, das religiões antigas e das superstições populares leva-nos a pensar desta forma. O céu, com o esplendor da sua luz e a variedade e importância dos seus fenómenos, atraiu desde sempre a atração dos homens.

De todos os astros do céu, a lua, pelo contraste brusco que estabelece entre as trevas e a luz, cativou a vista e estimulou a imaginação do homem. Não foi apenas o sol que chamou a atenção do homem primário e selvagem. O céu noturno, cujo as luzes contrastam com a escuridão da terra, impressiona muito mais a imaginação ingénua. Entre as luzes do céu, a lua domina-nos pela sua atenção, pelo tamanho e pela originalidade das suas fases. O culto da lua é o mais primitivo, o culto do sol é posterior. A lua foi desde o início adorada por ser um corpo luminoso, a ela e à sua luz foi principalmente atribuído o crescimento das plantas. Admite-se que nenhuma forma de idolatria é mais antiga do que a adoração da lua. Para muitos povos selvagens, os astros como o sol e a lua, são pessoas humanas e têm a sua história (*mitos*).

As manchas, fases, e eclipses da lua explicam-se de diferentes maneiras. Para alguns povos o sol e a lua eram irmãos. Os eclipses da lua são por vezes atribuídos a lutas da lua com o sol. Estas ideias são atualmente uma sobrevivência de tempos antigos, de quando o povo que primeiro as concebeu, se achava num estado de espírito equivalente ao dos selvagens ou então

---

<sup>69</sup> Cf. B. ARAUJO, *Superstições Populares Portuguesas*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, 11-12.

vieram para Portugal em virtude de alguma influência dos diversos povos históricos que por aqui passaram e conservaram na tradição<sup>70</sup>.

Há nas crianças uma doença convulsiva que o povo atribui aos efeitos da lua, pois acredita-se que o espírito da lua, através do luar penetra no organismo infantil e o molesta, a tradição popular nalgumas zonas do país, para evitar os efeitos do astro da noite, pendura ao pescoço das crianças, uma figura de metal em forma de crescente, para que o espírito da lua procure a sua imagem para se alojar e assim deixa a criança em paz. Esta explicação é visível nas crenças semelhantes de outros povos, nomeadamente na antiguidade oriental como os caldeus e os assírios. A forma de meia lua era também um amuleto infantil dos Romanos e também da tradição Árabe. De quem adotamos estes costumes, não sabemos, pois Portugal é desde sempre rico em tradições supersticiosas<sup>71</sup>. A lua é a mãe de tudo o que existe ou a “nossa madrinha”, uma mãe substitutiva, que tanto pode ser boa como má. É a imagem da lua que regenera todos os sete dias, que todas as coisas nascem, morrem e se regeneram.

O astro desempenha um papel importante na organização do calendário agrícola e na simbólica da morte e da fecundação, «não há luar como o de janeiro nem amor como o primeiro», diz a voz do povo, que assim aproxima a intensidade da luminosidade lunar no princípio do ano agrícola da fecundação humana. Sendo o período menstrual das mulheres um ciclo da lua, considera-se que é esta que regula as mulheres e os animais, daí nasce o termo “aluada”. Tal como em relação ao sol, dirigem-se orações.

É do nosso conhecimento que a lua muda de forma todos os sete dias e que o mês lunar suporta vinte e oito dias. De alguma forma este ciclo interfere com a vida social de todos nós, aos sete anos, atinge-se a idade da razão, o sobreiro por exemplo renova a sua casca todos os sete anos, as bruxas são devotas do número sete, etc. Os sete palmos de terra, os sete sacramentos, sete pecados capitais entre outras. A lua está, portanto, associada à simbologia da

---

<sup>70</sup> Cf. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume I*, 103-111.

<sup>71</sup> Cf. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia, Volume I*, 116-117.

regeneração da vida e da morte. Os gregos acreditavam que a lua atraía os mortos. Os celtiberos adoravam a lua como um deus, particularmente durante o quarto crescente.

Em todo o País, antes de iniciarem um trabalho agrícola, consultam a lua com o olhar para saberem em que altura devem semear ou realizar outro trabalho. Os próprios almanaques, indicam as fases da lua e determinam algum trabalho. O astro serve igualmente de barómetro, pela colaboração da lua, pela nitidez dos seus contornos, adivinham-se as condições atmosféricas dos dias seguintes «lua cercada, três dias será molhada». O dia e a noite não têm o mesmo valor, tal como o sol e a lua que os governam. O momento de passagem do dia para a noite é um momento perigoso, uma hora aberta, os demónios e os mortos podem soltar-se. É comum ouvirmos as histórias de lobisomens na noite de lua cheia<sup>72</sup>.

A Lua sempre gozou de grande influência na vida das pessoas, e a ela se recorria para adivinhações e para alcançar bons e maus presságios, na saúde e na doença. Já na Antiguidade se consultava a lua para tratar doentes, e ainda hoje com o mesmo fim, quem é supersticioso a ela recorrem e sabem ver nas diferentes fases da lua, vários sentidos. Durante a gravidez da mulher, a lua exerce sobre ela uma grande influência, quanto ao parto e à gestação<sup>73</sup>.

Segundo a tradição, as crianças podem ter ataques de lua, até aos sete anos de idade, com os seguintes sintomas; esmorecem, não levantam a cabeça, reviram constantemente os olhos, ficam amarelas, vomitam, têm febre, entre outras mazelas.

### ***2.1.2 A lua e as práticas no nascimento no séc. XXI***

Como referi antes, a lua influencia o quotidiano do comum mortal, e muito do Cristão comum. Ao aproximar-se o fim dos nove meses de gravidez, a mulher, a avó, a tia, o avô, enfim, um leque de gente sábia, consulta o calendário para ver o dia em que é lua cheia, pois segundo a tradição popular há garantias de ser próximo desse dia o nascimento. Lá calha, mais

---

<sup>72</sup> Cf. M. ESPIRITO SANTO, *A Religião Popular Portuguesa*, Estudos, Lisboa, 1984, 55-57.

<sup>73</sup> Cf. C. VERISSIMO, *Rezas antigas o povo de Sesimbra*, 136-137.

dia menos dia o nascimento, em que a lua se prazenteia bonita e luminosa, perante o olhar humano de quem a contempla. A Criança nasce, muitas vezes já com os padrinhos escolhidos e a data do Batismo previsto. Há um ritual após o parto que pode anteceder o Batismo ou não, é o chamado, “dar” a criança à Lua.

Dizem os entendidos, os antigos, que a lua inveja a criança, e dá-lhe o quebranto se a descobre. Ainda hoje de norte a sul do País, é tradição antes do sol se pôr, retirar as roupas do recém-nascido da rua, quando está no estendal, pois dizem que não é bom. Noutras zonas do País sabe-se que a Lua descobre da existência da criança naquela casa pela roupa estendida, por esse motivo é retirada antes do pôr do sol, podendo a lua ficar descontente por a tentarem enganar. Para a Lua não a invejar, pega-se na criança em Lua Cheia e oferece-se/entrega-se à Lua, dizendo; «Lua ou Luar, já que me o/a deste ajuda-me o/a criar»<sup>74</sup>, repetindo três vezes. Desde esse dia a criança fica livre de qualquer inveja por parte da lua. Existem relatos, que quando era necessário sair de noite à rua com uma criança que ainda não tivesse sido entregue, era preciso escondê-la para que a Lua não a visse.

A relação da lua com as crianças reveste-se pela inveja da cor saudável da criança, assim, se a entregar-mos, ficará confiada aos seus cuidados e proteção. No caso da lua dar o quebrante/mal olhado, o chamado quebrante da lua, dizem os antigos que é poderoso e forte, as crianças reviram os olhos, manifestam cólicas e dores abdominais, e ficam frequentemente amarelas, o remédio é procurar quem saiba a reza. Por vezes é difícil retirar o quebranto dado pela lua, a reza deve ser feita várias vezes, sempre em número ímpar de três a nove, até que o “feitiço” seja quebrado. Quanto à reza, existem muitas, cada região do país tem a sua, mas a matéria é a mesma, um prato com água, enquanto se reza faz-se uma cruz sobre o prato, depois de repetir três vezes a reza, molha-se os dedos em azeite de deixa-se pingar sobre a água. Se o azeite desaparecer, é sinal que tem quebranto. Como se expressa nesta fórmula de quebrar esse «mal-estar».

---

<sup>74</sup> Reza de Montalvo-Constância.

*(Nome da pessoa) Deus te gerou, Deus te criou, Deus te tire o mal que no teu corpo entrou. Se isto é verdade, valha-me a Santíssima Trindade, em louvor do Santíssimo sacramento, o mal saia para fora e o bem entre para dentro (nome da pessoa 3x). Se isto é verdade valha-me a Santíssima Trindade. Amem, Ámen, Amen.*<sup>75</sup>

Podemos dizer que este é um ritual que o tempo fez em grande parte esquecer, muitas das gerações novas, nunca ouviram falar e curiosamente alguns foram protagonistas deste ritual. Quanto à reza do quebranto, grande parte das pessoas, jovens e menos jovens recorrem ainda a ela. Numa realidade mais rural, quase todas as pessoas recorrem a quem sabe benzer o quebranto, e são muitas as que a sabem fazer, poderia dizer que porta sim porta não, há alguém que sabe benzer o quebranto, tirar o mau olhado.

Poder-se-ia debater a origem destes ritos ou a sua dimensão paganizante, tentando identificar a linha cultural em que se situa e o estrato religioso de que se seria expressão. O que está em causa não são questões especificamente religiosas, mas sim simbólicas. E estas fundam-se na convicção de que o astro noturno tem influência especial sobre os seres tenros como as crianças. A via da explicação histórica formula-se quando se supõe que mostrar as crianças à lua terá a ver com o facto de entre os Romanos, Diana, a deusa do parto e ter ela por atributo o crescente lunar. Mas estes paralelos não são muito seguros, e não podem ser tomados como fundamento do significativo atual ou da sobrevivência dos gestos na presente situação cultural.

Outra via interessante, podemos explorá-la a partir do que o médico Fonseca Henriques, diz acerca das crenças existentes em Portugal no século XVIII. Segundo elas não se devim pôr ao luar as roupas e os panos com que os meninos se vestiam, porque os raios e a luz da lua, por meio dos panos, faziam nocivas impressões nas crianças. Assim o ritual da lua fundamentar-se-ia, na verificação de que a natureza da lua é criadora. Como tudo o que é noturno e feminino, o luar é, porém, perigoso e duvidoso<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Tradicional de Montalvo-Constância, Amoreira-Abrantes.

<sup>76</sup> Cf. A. P. CARDOSO (coord.), *Religiosidade Popular e Educação da Fé*, 108-109.

# CAPÍTULO III

## IMPORTÂNCIA DA PASTORAL, NA PURIFICAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR

<sup>9</sup>Quando tiveres entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. <sup>10</sup>Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, <sup>11</sup>à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou à invocação dos mortos, <sup>12</sup>porque o Senhor, teu Deus, abomina aqueles que se dão a essas práticas, e é por causa dessas abominações que o Senhor, teu Deus, expulsa diante de ti essas nações.

Dt, 18, 9-12

Embora passe muitas vezes despercebida no dia a dia de cada um, as tradições, práticas e mitos da religiosidade popular são tradições ainda hoje vivas. Sendo estas tradições muitas vezes anti-cristãs, ou pelo menos, em alguns dos seus aspetos, contrárias ao ideário cristão, de que modo olha a igreja para este fenómeno?

Certo de que a atividade reguladora do magistério regula e tem um olhar evangelizador sobre estes temas, cabe certamente a cada Pároco evangelizar as realidades supersticiosas que conhece do seu rebanho. Mas a Igreja, nas suas instâncias hierárquicas, também o deve fazer. Neste contexto, procuro dar dois exemplos que nos demonstram esta preocupação, quer por parte dos padres, quer por parte dos Bispos Portugueses.

Martinho de Dume, retrata-nos um pouco da preocupação já existente no seu tempo, séc. III/IV, contra o paganismo supersticioso. Já o Concílio Plenário Português, revela-nos a preocupação do Bispado Português, quanto á forma de expressão popular do povo, relativamente a este tema.

Depreende-se assim que ao longo dos séculos, há um olhar regulador da Igreja sobre estas práticas, que remontam ao inicio da humanidade, onde ainda se descobria Deus.

# 1. O combate ao paganismo: São Martinho de Dume e o Concílio Plenário Português

## 1.1. São Martinho de Dume (século VI)

O Povo encontrava-se, até à chegada de Martinho de Dume, com uma vivência religiosa muito fragilizada. Tendo sido já objeto de uma primeira evangelização, antes da vinda dos suevos, não tinha sido acompanhado na evolução da sua fé. Daí, que além do arianismo dos suevos, tivessem continuado na prática do povo, como formas religiosas e rituais, paralelas à fé ortodoxa, certos costumes, práticas e crenças pagãs muitas delas agravadas pelo primitivo paganismo dos invasores. Esta ignorância e falta de conhecimentos profundos da fé cristã, vai-se refletir na dificuldade de deixar as práticas pagãs e na sua existência latente mesmo quando aparentemente extirpadas. Com efeito estas práticas eram comuns, assim como acreditavam no influxo dos astros como determinante na vida humana. Os sucessores de Constantino foram proibindo as práticas pagãs, permitindo que o culto pagão continuasse em certos templos, fora das cidades. Assim as práticas gentílicas continuaram fora das cidades, tomando a partir de então, o nome genérico de “paganismo”, por se conservar nos “*pagi*” e ser praticado pelos seus habitantes, os “*pagani*”. Toda esta panóplia de acontecimentos alterou-se profundamente na Península Ibérica, em meados do século VI, em virtude do apostolado de S. Martinho de Dume<sup>77</sup>.

São Martinho de Dume é conhecido como o apóstolo dos Suevos. De facto teria tido como missão evangelizar a zona de Braga, conquistada pelos Suevos, povo germânico cuja mentalidade ele conhecia, pois eram originários da mesma região dos seus antepassados. Nesse sentido, Martinho de Dume surge como um interlocutor privilegiado.

---

<sup>77</sup> CF. J. BELINQUENTE, *História da Catequese, Volume I*, 2011, 110-111.

A sua obra, toda ela produzida nesta região, surge sempre de uma necessidade de ação concreta, virada para o bem comum dos povos. De facto os seus opúsculos, ou visam estabelecer uma estrutura religiosa, ou têm como objetivo a reforma da sociedade, em sintonia com os valores do cristianismo católico. Daí também o seu papel de conselheiro espiritual, sempre atento e preocupado em fundamentar, mediante uma lógica argumentativa, o estatuto próprio do cristão, por oposição às heresias que combate de um modo eficaz sem violência, aspeto que assinala o seu espírito tolerante. São Martinho de Dume, representa um marco significativo na cultura religiosa do seu tempo. O seu tratado acerca da instrução dos rústicos, apresenta uma fundamentação que, recorrendo à autoridade da sagrada escritura, ou dos Padres da Igreja, com especial relevo para Santo Agostinho, implica uma atitude de responsabilidade frente ao que se relaciona com o cristianismo.

Da conversão ao cristianismo mediante a Sagrada Escritura e os textos e autores marcantes da época, tudo conflui para um único momento, considerado essencial; colocar ao serviço do cristianismo todos os recursos necessários para que este se firmasse em bases sólidas e duradouras. São Martinho foi, um baluarte atuante, poderoso e decisivo para a posterior afirmação do cristianismo naquela região que não voltou a cair em heresia. O seu objetivo foi alcançado e prosseguido mediante a atuação dos seus discípulos. Na região de Braga a cultura monástica, da qual ele estabeleceu os pilares, foi-se fortificando, por isso é considerado um dos padres da igreja da Península Ibérica, e ao mesmo tempo, uma das raízes da cultura religiosa e filosófica Portuguesa<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> Cf. M. DE LOURDES SIRGADO GANHO, L. MANUEL VENTURA BERNARDO, A. BAPTISTA FERREIRA, R. JORGE GUERREIRO DE SOUSA, *Opúsculos Morais-São Martinho de Dume*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, 12-14.

### **1.1.1. A influência de São Martinho na Península Ibérica. O caso do *De correctione rusticorum*.**

Pouco se pode dizer acerca da vida religiosa dos habitantes da Galécia ocupada pelos suevos, até ao tempo de S. Martinho. O povo tinha dificuldade em esquecer completamente as práticas pagãs e a sua existência estava latente, mesmo quando essas práticas estavam aparentemente erradicadas. Estas práticas eram tão comuns que alguns clérigos faziam celebrações pagãs nos campos, sobre os monumentos e os sepulcros. O mesmo se refere aos amuletos. Os clérigos também os usavam e utilizavam-nos para fazer encantamentos/rituais<sup>79</sup>.

Para o meio dos suevos foi trabalhar em Cristo, S. Martinho de Dume, por Ele se esforçou, para que se convertessem à Sua Igreja, conseguindo-o pelas circunstâncias do tempo e sobretudo pelas do rei Teodemiro I, que aceitou a religião cristã no seu reino. Pregou e agiu vigorosamente e muito escreveu para a edificação do clero, instrução aos fiéis e correções ao povo. Do paganismo estrutural dos suevos, dos erros arianos, da tendência natural para a materialidade da vida e para a crença entranhada nas forças divinizadas da natureza e na intervenção supersticiosa dos espíritos, dominadores dos fenômenos naturais, era a imensa a herança deixada pelos tempos e pelos homens. Foi contra ela a maior luta de S. Martinho de Dume. Principalmente no tratado, cujo título denuncia o assunto, *De Correctione rusticorum*, S. Martinho de Dume enumera e condena os costumes gentílicos, principalmente arreigados na gente inculta, embora continuados também entre os cultos, que não compreendiam ainda o erro fundamental do paganismo.

Era sobretudo nos campos, fora das cidades onde a ação catolizante se tornava mais forte, pela organização, e mais fecunda, pela disciplina, que essas crenças pagãs mantinham vigor. A essa gente dos campos, aos rústicos, e quantos como eles resistiam à verdade de Cristo, dirigiu S. Martinho a lição do seu tratado e a condenação dos erros, para que fossem

---

<sup>79</sup> Cf. M. JUSTINO PINHEIRO MACIEL, «O “*De Correctione Rusticorum*” de S. Martinho de Dume», *Separata da Revista Bracara Augusta*, Vol. XXXIV-Fasc.78 (91), Braga, 1980, 20-21.

corrigidos<sup>80</sup>. Inspirando-se em São Martinho de Tours, cujo a atividade evangelizadora conheceu, quando esteve em França, e a quem tomou como patrono, compreendeu a enorme importância da evangelização dos camponeses e empreendeu-a sem preconceitos sociais ou culturais. Martinho de Dume, adotou uma atitude pastoral catequética, mostrando a falsidade e inutilidade dessas formas e práticas idolátricas e de magia ou do culto dos deuses romanos e outros<sup>81</sup>. Levantou o catolicismo segundo um eficiente apostolado que, em nome de Deus, cada vez mais se desenvolvia. Contribui-o deste modo para dar um sentimento religioso às gentes daquela parte da Península Ibérica<sup>82</sup>.

Na sua atividade pastoral, S. Martinho escreveu para ouvidos de variada condição e formação, mas sempre orientado por um forte sentido moralista. Esse estilo de evangelização e pregação está igualmente presente na sua obra *De correctione rusticorum*, um sermão oferecido a Polémio, pregado àqueles que continuam presos à antiga superstição dos pagãos. Este sermão tem uma estrutura de clara progressão teológica, apresentando de modo esquemático um contraponto às próprias crenças dos “rústicos”. Propõe a substituição de falsos símbolos por símbolos justificados. Sobretudo valorizado como relato de práticas da longa religiosidade no noroeste peninsular do seu tempo.

No *De correctione*, o pensamento e a ação pastoral de São Martinho emergem, numa zona periférica do mundo romano, em contraponto a uma multiforme religiosidade popular latina, que aliás se encontrava em definitivo processo de desagregação antes mesmo de ter penetrado de modo profundo nesta região. Apesar da escassez de documentação, a situação histórica e sociológica da Galécia do século VI tem interesse particular por ser contexto do estabelecimento de uma nova religião, processo a que este texto dá um colorido particular,

---

<sup>80</sup> Cf. L. CHAVES, «Costumes e tradições vigentes no século VI e na atualidade - São Martinho de Dume: *Correctione Rusticorum*», *Congresso do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica, Resumos dos Relatórios e das Comunicações*, Pax, Braga, 1950, 16.

<sup>81</sup> Cf. J. BELINQUENTE, *História da catequese Volume I*, 111.

<sup>82</sup> Cf. J. AFONSO CORTE-REAL, «A projeção do Apostolado de São Martinho de Dume em Portugal e no Império», *Congresso do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica, Resumos dos Relatórios e das Comunicações*, Pax, Braga, 1950, 18.

enquanto iniciativa de um homem letrado que se dirige àqueles a quem quer mostrar a imperfeição e os erros das suas antigas crenças. Dirigindo-se aos “rústicos” fala-lhes, segundo as suas palavras, em “discurso rústico” e com uma narração breve e sugestiva que lhes seja compreensível.

Martinho prega a exorcização da natureza, cujo poder mágico ou encantador quer mostrar como enganador e vão, transferindo o sagrado para o transcendente, identificado também como fundamento do sentido da vida humana. A estratégia de Martinho não é destruir a religiosidade popular, mas sim mostrar que ela está mal orientada, que é uma submissão a certos e falsos ídolos, devendo sim submeter-se a verdadeiros símbolos. Por isso insiste na apropriação cristã da crença, dando outro sentido à vida humana, quer ao nível do quotidiano (divisão e ritmo do tempo, designação dos dias), quer ao nível individual (responsabilidade pessoal e fuga ao crime), quer ao nível moral (opção ou pelo bem ou pelo mal), quer ao nível histórico e escatológico (compreensão da origem, vivência e destino do homem).

O *De correctione* reúne de facto dois géneros literários distintos: a carta e o sermão. Começa com uma carta de envio onde Martinho de Dume se dirige e responde a Polémio, bispo de Astorga, que lhe teria pessoalmente solicitado instruções sobre o modo de corrigir as opiniões dos rústicos. É aqui São Martinho nos diz exatamente quem são estes rústicos: aqueles que continuam presos à antiga superstição dos pagãos e prestam culto de veneração mais aos demónios do que a Deus. Feita a identificação, São Martinho diz a Polémio algumas coisas sobre a origem dos ídolos e das suas perversidades. Na primeira utilização do termo fica claro que estes “rústicos” não são identificados com “gente do campo”, são antes os que permanecem na antiga superstição dos pagãos, ou seja, os renitentes a adotar o cristianismo ou que o tinham mesmo abandonado, sejam urbanos ou camponeses, adotando ainda certos cultos vistos por São Martinho como demoníacos.

São os que não estão ainda cultivados pela nova fé e que é necessário converter e corrigir sendo também os que tendo aderido ao cristianismo regressaram aos cultos supersticiosos,

cometendo assim uma falta ainda mais grave. As heresias e superstições circunscritas por Martinho não têm uma expressão de culto organizado, parecem meros hábitos populares de repetição espontânea<sup>83</sup>.

S. Martinho, vai desenvolver o *De Correctione*, com base na experiência que tem dos costumes de todos os povos da galécia. Ele vai atacar as práticas gentílicas locais, romanas e germânicas, que coexistem pela mutua influência dos três povos em confronto - galaicos, romanos e suevos - uma vez que a vida isolada nos campos e nas montanhas puseram os povos do interior num íntimo contato com a natureza o que produziu facilmente fenómenos de identificação telúrica a nível religioso.

Condenaram-se as práticas de expulsar o mal de casa, critica-se o festejo das calendas, o uso de ervas medicinais com encantamentos, o culto dos astros e a observância das superstições. Não era fácil cristianizar em poucos anos, ou em algumas gerações um povo ou povos que nasceram e amadureceram no seio do paganismo. Martinho segue um método que é sempre atual na pastoral da Igreja. Vai lembrar aos fiéis os sacramentos da iniciação cristã, nomeadamente o batismo. De facto lembrar a um cristão o momento em que, pelo batismo, foi tornado filho de Deus é sempre a maneira mais perfeita de o colocar de volta ao bom caminho. O *De Correctione Rusticorum*, não é uma obra propriamente teológica, mas acima de tudo é uma obra Pastoral e catequética. O II Concílio havia determinado que os bispos pregassem nas igrejas, contra a pátria da idolatria. Este tratado sobre a correção dos rústicos parece ter sido modelo seguido nas pregações feitas aos rurais, nas igrejas que hoje correspondem às Paróquias do interior<sup>84</sup>. Tendo caído em desuso o catecumenado, durante o qual, cada um que queria ser batizado, fazia, durante um período de dois anos ou mais, uma caminhada na qual ia conhecendo e aprendendo os mistérios cristãos, e aderido a eles, e treinando-se a deixar as práticas, os

---

<sup>83</sup> CF. J FRANCISCO MEIRINHOS, *Martinho de Braga e a compreensão da natureza na alta Idade Média (séc. VI): símbolos da fé contra a idolatria dos rústicos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, 395-414

<sup>84</sup> Cf. M. JUSTINO PINHEIRO MACIEL, «O “*De Correctione Rusticorum*” de S. Martinho de Dume», *Separata da Revista Bracara Augusta*, 40-49.

costumes pagãos, e treinando-se a aderir e a praticar a vida cristã, era natural que os batismos em massa, com um mínimo de preparação, dessem origem a um tão grande número de pagãos-batizados<sup>85</sup>.

Os sermões de São Martinho fazem-nos perceber, que o termo superstição se revestia de uma conotação negativa por parte da elite cristã, caracterizando alguns gestos e crenças como negativo. É importante sublinhar que a fase de crescimento do cristianismo passou muito pelo que a igreja pensava e lutava com as superstições. O paganismo sobrevivia no interior do próprio cristianismo. Por esse motivo São Martinho de Dume, procurou um abandono do paganismo e um novo enquadramento dos fieis cristãos. O processo de cristianização, baseou-se fundamentalmente numa política que articulava três vertentes fundamentais: a restrição da noção de sagrado, a atribuição de poderes benéficos sagrados aos santos e a atribuição de poderes maléficos sobrenaturais ao Diabo. Neste sentido a ação de São Martinho revela-se fundamental na dinâmica pastoral da igreja, lutando fervorosamente contra as superstições<sup>86</sup>.

### ***1.1.2. Referência de alguns dos números importantes da exortação<sup>87</sup>***

O sermão *De Correctione Rusticorum* é constituído por dezanove capítulos, remonta aos intuítos de cristianização e ao controle da conduta das populações rurais, visando à sua inserção nos preceitos caracterizados como ortodoxos. Tem, assim, natureza pastoral, procurando persuadir os “supersticiosos” e “idólatras” a abandonarem as suas crenças, e descrevendo-as de forma pejorativa pela associação com a ignorância. Relembra diversos momentos bíblicos, e apoia-se neles para construir as bases da sua argumentação, Martinho de Dume expõe na ordem cronológica estabelecida pelas Escrituras, utilizando passagens que sirvam ao

---

<sup>85</sup> Cf. J. BELINQUENTE, História da catequese, Volume I, 112.

<sup>86</sup> Cf. A. ROQUE DE ALMEIDA, *A história da Igreja em Portugal*, 24.

Por todo o Ocidente, durante esta época, os Concílios condenaram a divinação e condenaram as práticas pagãs em geral. Foi o caso dos Concílios de Laodiceia no ano de 366, Agda em 505, Orleães pelo ano de 511, Braga em 516, Auxerre no ano de 570, Narbona em 589, entre outros.

<sup>87</sup> Cf. J. BELINQUENTE, História da catequese, Volume I, 113-118.

propósito de desacreditar a fé oposta àquela que defende. De seguida, apresentamos algumas passagens ilustrativas deste escrito.

**1** - Recebi de tua santa caridade uma carta, na qual me escreves a pedir que te mande alguma coisa escrita, para a instrução das gentes rurais, que, apegadas ainda, como estão, às antigas superstições dos pagãos prestam culto de veneração mais aos demónios do que a deus, e também alguma coisa sobre a origem dos ídolos e das suas perversidades [...].

**7** - Então o diabo, ou os seus ministros os demónios, que tinham sido expulsos do céu, vendo que os homens, na sua ignorância, haviam abandonado a Deus, seu criador, e andavam errantes pelas criaturas, começaram a manifestar-se-lhes em diversas formas, a falar com eles e a persuadi-los para que lhes oferecessem sacrifícios nos cimos dos montes e nas florestas frondosas e lhes prestassem culto como a Deus [...].

**8** - Aí está o que foram, nesse tempo esses homens perversos, aos quais as pessoas ignorantes dos campos, levados por invenções suas, mais que perniciosas, honravam, e cujos nomes os demónios tomaram para si próprios, para que lhes prestassem culto como se fossem deuses [...] persuadiram-nos também a construir-lhe templos, a colocarem neles imagens ou estatuas e a erguerem-lhes altares [...] eles têm provocado a paciência de Deus, e não creem na fé de cristo de todo o coração, mas vivem de tal maneira enganados que dão os próprios nomes dos demónios a cada um dos dias da semana [...]<sup>88</sup>.

**11** - E com que mágoa se deve falar do erro estultíssimo de guardarem dias da traça e dos ratos<sup>89</sup> [...] é um homem miserável o que acredita nestas coisas inventadas, sem nenhum fundamento [...] todas estas observâncias dos pagãos são inspiradas por invenções dos demonicos [...] mas vós praticais estas superstições ilusórias, às escondidas e às claras [...].

**12** - [...] não permitiu Deus que o homem conhecesse o futuro, mas que, vivendo sempre no seu temor, esperasse d'Ele orientação e auxílio para a sua vida. Só a Deus pertence saber as coisas antes que elas aconteçam, mas os demónios enganam os homens insensatos com diversos argumentos, até os levarem a ofender a Deus e arrastarem consigo as almas deles para o inferno [...].

---

<sup>88</sup> São Martinho de Dume, para tentar que os Cristãos deixassem de prestar culto aos deuses, nomeadamente, dedicando um dos dias da semana a cada um, procura tirar toda a credibilidade aos deuses, apresentando o que as suas lendas ou mitos deles diziam, sobre os seus crimes, vícios, perversidades, etc.

<sup>89</sup> Cerimonias rituais ligadas às cearas que visavam afastar das sementeiras a lagarta e o gafanhoto. Práticas rituais de oferta de produtos das cearas, que foram depois cristianizados com os “bodos”, as fogaças. tinham no fim da Idade Média, já um cariz cristão e ocorriam entre a Páscoa, Ascensão e Pentecostes.

**13** - Foi por isso que Deus, ao ver os homens na sua infelicidade de tal modo enganados pelo diabo e seus anjos maus, que, esquecidos do seu criador, em vez de Deus, adoravam os demónios, enviou o seu filho, isto é a sua sabedoria, o seu verbo, para os retirar do engano do diabo e reconduzi-los ao culto do verdadeiro Deus [...].

**15** - Vós pois fieis, que tivestes acesso ao batismo de cristo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, considerai que fizestes uma aliança, um pacto com Deus, nesse mesmo batismo [...] considerai pois, que fizestes um pacto, uma aliança com Deus no batismo. Prometeste renunciar ao diabo, aos seus anjos e a todas as suas obras más [...].

**16** - [...] como é que alguns de vós, que renunciaram ao diabo e aos seus anjos e aos seus cultos e às suas obras más, agora voltam ao culto do diabo? Pois acendem velinhas a pedras, a arvores e a fontes e nas encruzilhadas dos caminhos, o que é isso senão culto ao diabo? [...] fazer feitiços com ervas encantadas para provocar malefícios e invocar os nomes dos demónios quando os fazeis, que isto senão prestar culto ao diabo? [...] eis que tudo isto fazeis depois de terdes renunciado ao diabo, depois do batismo, e voltando ao culto dos demónios e às ações más da idolatria, já transgrediste a vossa fé e já rompestes com o pacto que tínheis feito com Deus. [...] aquele que se atém a outras magias congeminações por magos e homens do mal; ao encantamento do santo Símbolo e da Oração Dominical, que recebeu com a fé de Cristo, já perdeu e calçou aos pés a fé de Cristo, pois não se pode servir, ao mesmo tempo, a Deus e ao diabo.

**17** - [...] Não duvides da misericórdia de Deus. Faz no teu coração um pacto com Deus de nunca mais voltares a fazer práticas de culto aos demónios, nem a adorar qualquer outra coisa senão o Deus do céu, nem a cometer homicídio, nem adultério ou fornicção, nem praticar furto, nem fazer perjúrios. [...] Na verdade, seria por demais inconcebível e vergonhoso que aqueles que são pagãos e ignoram a fé de Cristo, adorando os ídolos dos demónios, veneram o dia de Júpiter ou de qualquer outro demónio e se abstêm de trabalhar, quando de facto, os demónios não criaram nem lhes pertence dia algum [...].

## **1.2. O Concílio Plenário Português (1926)**

Todos nos apercebemos de que cresce a cada dia o número de agentes pastorais, presbíteros, religiosos e leigos que, abertos à realidade concreta da sociedade e da nossa igreja, sentem de modo muito vivo que não basta alguém estar batizado ou ter uma prática religiosa cultural tradicional para que possa identificar-se como cristão, no sentido mais sério, profundo

e exigente do termo. Esta consciência tem muitas vezes em si a dolorosa experiência de vermos, nas nossas igrejas pessoas a procurar os sacramentos e a frequentar atos religiosos, mas que, nas diversas atividades da sua vida familiar, profissional e social comportam-se como autênticos pagãos. Esta prática religiosa é resto de uma educação cristã e significa um elemento mais de identidade social, sem grandes implicações morais ou de decisão livre e consciente.

Estão certamente neste caso muitas pessoas cujo a vida religiosa se exprime em formas de religiosidade ou de piedade popular e que, mesmo quando participam em atos de culto oficial, normalmente não se despem das características próprias com as quais identificam o seu ser e o seu afim religioso<sup>90</sup>.

Temos de reconhecer o fim de um ciclo histórico impregnado pela cultura cristã, e admitir o nascimento de outro, muito diferente, provocado pela mudança do nível económico, das migrações de massa, dos meios de comunicação e difusão, do progresso científico e técnico e de outros fatores que transformaram a maneira de pensar e de ser da humanidade atual, dando lugar a uma nova cultura, não necessariamente coincidente com os princípios cristãos. A primeira forma de descrença no interior da fé está representada pelas perversões radicais da instituição, manifestada na atitude crente dos seus responsáveis. Outra forma de perversão da fé que pode ser classificada de descrença é a idolatria. Idolatria significa culto a outros deuses. A idolatria consiste em confiar noutros poderes que não o poder de Deus. Por isso a idolatria pode dar-se no interior da religião cada vez que uma mediação substitui o Absoluto. Outra forma pós-religiosa da idolatria é o dinheiro, o poder e o prazer.

A superstição e a magia são outras formas de descrença na religião. A magia consiste numa relação com poderes superiores ao homem, no qual este por acções complicadas produz efeito quase de forma automática e mecânica. A perversão mágica da religião, deu-se nas tradições religiosas incluindo o cristianismo que algumas deficientes explicações de doutrinas,

---

<sup>90</sup> Cf. D. António Baltazar Marcelino, *Religiosidade popular*, *Communio*, ano IV, 1987, n.º1, 26.

favoreceram na sua extensão. A superstição consiste em prestar culto a quem não se deve ou prestá-lo de forma indevida<sup>91</sup>. Estas problemáticas atuais, já o eram na altura em que foi realizado o Concílio Plenário Português que surgiu com o intuito de reorganizar a Igreja portuguesa de modo a responder às problemáticas de então, como bem o expressaram os bispos de então:

*«é chegada a hora de dizer a todos os católicos Portugueses: eis aqui a obra do Concílio Plenário, eis as normas por ele estatuídas e aprovadas pela Santa Sé, agora a vos compete honrar o vosso nome de cristãos prestando-lhes dócil e filial aquiescência e moldando por elas a vossa vida<sup>92</sup>».*

Celebrou-se em Portugal, a 24 de Novembro de 1926 o Concílio Plenário Português, o primeiro Concílio Nacional, pois nunca no nosso País se tinham reunido os Bispos Portugueses para tratar dos interesses comuns da igreja. Representou para o nosso País, um novo ponto de partida na vida da Igreja Católica em Portugal, atendendo aos acontecimentos da Implantação da República em 1910 e as perseguições feitas á Igreja. A separação da Igreja, do Estado, acabou por ter a pretensão de manter as expressões e as instituições religiosas sob o controlo do Estado procurando romper a estrutura hierárquica católica e os seus mecanismos de reprodução social. O exílio dos prelados trouxe consigo um certo afrouxamento na disciplina, a falta de recursos e as perseguições fizeram com que muitas povoações ficassem privadas de pastor e daí a conseqüente paganização dessas povoações, o abandono dos sacramentos, o esquecimento dos preceitos evangélicos e um deplorável relaxamento de costumes. Muitas seitas aproveitaram o momento débil qua a nossa sociedade vivia, e como em todas as épocas de decadência, são as mesmas manifestações mórbidas que aparecem como desvio intelectual e moral. Uma floresta de superstições e de ciências ocultas, como o espiritismo, o teosofismo, a magia com as suas várias modalidades e artifícios que ressurgiram assustadoramente nos

---

<sup>91</sup> Cf. A. GOMES BARBOSA, *Os Jovens Portugueses e a nova Evangelização*, Universidade Católica Portuguesa – Fundação Engº António de Almeida, Porto, 1993, 22-78.

<sup>92</sup> Cf. Concílio Plenário Português-*Decretos*, Tip. Da União Gráfica, Lisboa, 1926, XII.

grandes meios, ameaçando passar depressa às povoações rurais. Resultado de um enfraquecimento da fé, que representava uma diminuição de luz sobrenatural nas inteligências. A par destes e outros males preocupantes no seio da comunidade cristã portuguesa entre outras razões não menos importantes, realizou-se o Concílio Plenário, procurando fazer um bom trabalho Pastoral<sup>93</sup>.

### ***1.2.1. Decretos do Concílio Plenário Português***

Foram muitos os pontos, apresentados e debatidos no Concílio Plenário, mas para este trabalho, apenas fariam sentido nomear aqueles que nos falam do paganismo, feitiçarias, magia, etc. Os pontos referentes a estes temas falam sobretudo acerca da superstição que corrompe a adoração de Deus ao conduzir o sentimento religioso e a prática para uma falsa direção. Muitas vezes cai-se na superstição por ignorância ou por falta de acompanhamento ou referencia Cristã. É da responsabilidade de todos em Igreja, eliminar esta ignorância das nossas comunidades Cristãs. Seguem-se então algumas passagens ilustrativas do Concílio Plenário Português que vão ao encontro das problemáticas das superstições:

**311** - Sendo Deus o princípio e o último fim de todas as coisas, e Senhor absoluto de tudo, o primeiro dever do homem é adora-lo, servi-lo e ama-lo.

**321** - <sup>(1)</sup> Detestam os fiéis todo o gênero de superstição; a adivinhação, a vã observância, o sortilégio, o malefício, a magia, a consulta, de feiticeiros, e outras coisas da mesma espécie. <sup>(2)</sup> Desprezem as cartas ou escritos em que se indicam certas preces e outros exercícios de piedade, parem serem distribuídos a um determinado número de pessoas, como meio para alcançar algum bem ou evitar algum.

**322** - <sup>(1)</sup> Aborreçam sobremodo a evocação dos espíritos e as sessões de espiritismo, tantas vezes condenadas pela igreja quer nelas tome parte o médium quer não, e lembrem-se que do espiritismo resultam muitos males e perigos para a alma e para o corpo. <sup>(2)</sup> Incorrem em excomunhão ipso facto todos os que tomarem parte ativa nas reuniões do espiritismo, ou as promoverem ou simplesmente a elas assistirem.

---

<sup>93</sup> Cf. Concílio Plenário Português-*Decretos*, XII-XVI.

**473** - O espiritismo é um amontoado de superstições sumamente adversas à doutrina católica, pretendem os espiritas evocar as almas dos finados para saber deles coisas, que não podemos conhecer naturalmente. As respostas, que muitos julgam ser quase sempre embustes, cedo ou tarde redundam na negação da eternidade das penas do inferno e de outros dogmas da fé católica. Ensinem portanto os párocos, pregadores e confessores que a evocação dos mortos foi sempre reprovada por Deus, e que é proibida pela igreja a mera assistência às reuniões espiritas, ainda que se exclua todo o pacto com o espírito maligno e nessas reuniões nada se ouça contra a doutrina da igreja e até se peçam sufrágios pelos finados.

# CONCLUSÃO

O homem está inserido num universo ao qual dá sentido pela linguagem e pela ação, e por uma e por outra constrói o sentido do mundo. As tradições, práticas e mitos da religiosidade popular, enquanto reservas de sentido, também concorrem para dotar o universo de uma determinada mundividência e por isso são tão importantes para a compreensão integral das culturas. Atacando o tema da religiosidade popular procurei saber, no primeiro capítulo, algumas definições acerca do que é a religião e a religiosidade popular de modo que, logo desde o início, tivesse uma definição clara das mesmas, o que é fundamental para o tratamento deste tema. A Religião une pessoas em torno de uma fé. É esta mesma que une Deus, deuses ou qualquer outra entidade sobrenatural aos homens. Religião, poderemos nós dizer, é o laço que liga o Homem ao sagrado e que o impede de se sentir perdido no meio de um mundo que nunca dominará totalmente.

A religiosidade popular constitui e manifesta uma forma de expressão ligada às vivências do quotidiano das populações, práticas que muitas vezes se unem naturalmente aos ritos cristãos, ritos de carácter sentimental celebrados por ocasião de acontecimentos biológicos da existência, como o nascimento, a fecundidade e a morte. A religiosidade popular, corresponde a um complexo muito variado de expressões, práticas e rezas, que acompanham o homem ao longo da sua vida, transmitidas ao longo dos séculos, que chegam hoje até nós com inúmeras alterações sujeitas a progressos, acompanhando o desenvolvimento cultural e religioso do povo Português. Chegam até nós e persistem culturalmente como uma identidade que se preserva porque ainda se acredita ou por mera tradição.

As credices não recuaram, não desapareceram num mundo mais culto e desenvolvido culturalmente pois persistem ainda hoje, devido à globalização, à evolução tecnológica e à falta de uma identidade religiosa provocada também pela secularização. Há um querer experimentar outras coisas diferentes. Os ritos religiosos são heranças culturais religiosas que determinam

formas especiais de viver as crenças na sua relação com o divino, nomeadamente o culto e a devoção pessoal. Muitos de nós continuamos apegados à superstição, nas mais pequenas coisas do nosso dia a dia. A superstição nasce, no meio cultural em que vivemos como herança, enraizada nas regiões onde vivemos e da qual participamos naturalmente.

Por tudo isto, a religiosidade popular, nas suas tradições, práticas e mitos, serve, no contexto de um povo, para determinar a sua identidade comunitária e para dotar de sentido o universo envolvente, duas características que procurei pôr em evidência ao longo do trabalho. Para perceber um pouco no que deu origem à nossa religiosidade popular, pesquisei acerca das religiões peninsulares aquando da chegada do Cristianismo a Portugal e tentei perceber o que aconteceu e que transformações houve que provocassem a rica cultura que temos em tradições religiosas e populares. Povos que na sua ignorância de desconhecerem o Mundo e a ciência, divinizavam a natureza, criando assim as suas crenças, os seu deuses e os seus ritos, que justificam os seus medos, as suas dúvidas e o futuro. O Povo que habitava a nossa Península aquando da chegada do catolicismo era também ele assim. Naturalmente que ao longo da história foi havendo transformação, aperfeiçoamento, mistura de culturas e religiões que deram origem ao que hoje conhecemos. O cristianismo foi a grande religião que se manifestou na nossa Península, evangelizou os povos, e inculturou a mensagem de Cristo, transformando o que era pagão em cristão, templos, rezas e muitas outras coisas que se foram perdendo no tempo. A essência do povo de criar a sua religiosidade, o seu rito permaneceu, muitas delas no silêncio e são o que conhecemos hoje.

Ao fazer o trabalho deparei-me com inúmeras tradições ou ritos, e constatei o quanto é rica a nossa religiosidade. Uma religiosidade que não se rege por uma instituição, mas que anda lado a lado, e é conduzida pelo mistério do sobrenatural, o mistério do ainda desconhecido e oculto, conduzida pela tradição do povo. Neste sentido, foi importante o estudo da lua e da tradição de “dar” ou oferecer as crianças à lua, pois esse tema também era central e o principal motivo do tema da dissertação. Tradição do povo que não têm na maioria dos casos explicação

ou solução para desvendar ou dar sentido para determinada tradição, lenda ou superstição.

Na hora de abordar a posição da hierarquia católica face a estes temas, foi fundamental o estudo feito sobre a ação pastoral de São Martinho de Dume e do Concílio Plenário Português. São Martinho de Dume, foi um grande defensor da fé cristã, pregando e agindo contra o paganismo, contra a superstição do seu tempo. Há sempre algo que fica desta ação evangelizadora, mas nem sempre esta chega a todos, mas de algum modo dá os seus frutos. Também o Concílio Plenário Português teve a sua importância a nível Nacional, pois foram debatidos problemas que abrangem todas as dioceses Portuguesas, também no que toca a este tema das tradições, práticas e mitos.

Há ainda hoje práticas mágicas e supersticiosas, muito delas preocupantes, diabólicas, que muitas vezes o povo confunde com a sua fé cristã. Há a necessidade de fazermos uma leitura destas manifestações, que se fazem na sua maioria no silêncio das casas, da vizinhança. Devemos descobrir a dinâmica espiritual que lhes está subjacente, o problema da inculturação da fé numa sociedade de mudança, a ação e o lugar da igreja no futuro. Como cristãos da linha da frente, temos de ter uma atitude eminentemente pastoral, de juízo crítico e de discernimento, em virtude da qual devemos distinguir o que foi, é ou pode ser assumido, o que se pode tolerar, e o que tem de ser posto em causa.

Como distânciar, ou até mesmo eliminar a condição humana, vítima de orgulhosos preconceitos contra a Igreja, continuando, contudo, a aderir cada vez mais a alternativas à experiência cristã, recorrendo a seitas, á magia e á superstição?

No início do meu trabalho, apenas tinha uma noção aproximada dos mitos, práticas e superstições da religiosidade popular da minha região. Quando iniciei os trabalhos de pesquisa tive a perceção da universalidade e semelhanças destas tradições de norte a sul do País. Também pude verificar que ela se encontra frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião e que permanece com frequência apenas a um nível de manifestações culturais, sem

expressar ou determinar uma verdadeira adesão à fé e que, face a isto, é preciso uma atitude de vigilância por parte dos pastores.

Concluo o meu trabalho satisfeito pelo resultado final, que vai ao encontro daquilo que idealizei, de forma simples e explicativa para quem ler. Senti dificuldade na pesquisa pois havia pouca biografia existente que falasse somente da superstição-religiosidade popular, há sim muitos livros com lendas, mitos, rezas e orações.

# BIBLIOGRAFIA

CORTE-REAL, J. AFONSO, «A projeção do Apostolado de São Martinho de Dume em Portugal e no Imperio», *Congresso do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica, Resumos dos Relatórios e das Comunicações*, Pax, Braga, 1950.

ANDRÈ, A., *Dicionário de Antropologia*, Verbo, Viseu 1972.

MARCELINO, D. ANTONIO BALAZAR, «Religiosidade popular», *Communio*, ano IV, nº1 (1987), 20-31.

ARAÚJO, B., *Superstições Populares Portuguesas*, Edições Colibri, Lisboa, 1997.

BARBOSA, G., A., *Os Jovens Portugueses e a nova Evangelização*, Universidade Católica Portuguesa – Fundação Engº António de Almeida, Porto, 1993.

BEIRÃO, F., *História de Alcains*, alma-azul, Coimbra, 2003.

BELINQUENTE, J., *História da catequese*, Volume I, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2011.

CARDOSO, A. P. (coord.), *Religiosidade Popular e Educação da fé*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1987.

CASTELLANO, J., *Dicionário de Liturgia*, Edições paulinas, São Paulo, 1992.

CHAVES, L., «Costumes e tradições vigentes no século VI e na atualidade – São Martinho de Dume: De Correctione Rusticorum», *Congresso do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica: Resumos dos Relatórios e das Comunicações*, Pax, Braga 1950.

CLEMENTE, M., *A Fé do Povo, Compreender a religiosidade popular*, Apelação, Paulus, 2002.

CONCILIO PLENÁRIO POTUGUÊS -*Decretos*, Tip. Da União Gráfica, Lisboa, 1926.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS,  
*Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia*, Editorial A. O., Braga, 2003.

DA COSTA FREITAS, M., «Religião», R. CABRAL et al., Logos, Enciclopédia Luso-  
Brasileira de Filosofia, Volume 4, Edições Verbo, Lisboa.

DE ALMEIDA, F., *História da Igreja em Portugal*, Volume I, Portucalense Editora, Barcelos,  
1967.

GANHO, M. DE LOURDES SIRGADO; BERNARDO, L. MANUEL VENTURA;  
FERREIRA, A. BAPTISTA; DE SOUSA, R. JORGE GUERREIRO; *Opúsculos*  
*Morais-São Martinho de Dume*, Imprensa Nacional-casa da Moeda, 1998.

ESPIRITO SANTO, M., *A Religião Popular Portuguesa*, Estudos, Lisboa, 1984.

FALCÃO, M., *Enciclopédia Católica Popular*, Edições Paulinas, Lisboa, 2004.

GOMES do NASCIMENTO, D.; AYALA, M. INEZ NOVAIS, «As práticas orais das  
rezadeiras: um património imaterial presente na vida dos itabaianenses», *Nau Literária:*  
Crítica e teoria de literaturas, vol. 9, n. 1., 2013. (acedido eletronicamente a 24 de Janeiro  
de 2017, <file:///C:/Users/WRT/Downloads/43698-178500-1-PB.pdf>).

HEINZ OHLIG, K., *Religião – Tudo o que é preciso saber*, Casa das Letras, Cruz Quebrada,  
2007.

MACIEL, M. JUSTINO PINHEIRO, «O “*De Correctione Rusticorum*” de S. Martinho de  
Dume», *Separata da Revista Bracara Augusta*, Vol. XXXIV-Fasc.78 (91), Braga 1980.

LEITE DE VASCONCELOS, J., *Religiões da Lusitânia*, Volume III, Imprensa Nacional-Casa  
da moeda, Lisboa, 1981.

LEITE DE VASCONCELOS, J., *Religiões da Lusitânia*, Volume I. Introdução à obra,  
Imprensa Nacional, Lisboa, 1897.

LOPES, A.; SERRANO, J., *A Reconstrução do sagrado*, Lisboa, Âncora Editora, 2009.

MARQUES, L., *Tradições religiosas entre o Tejo e o Sado*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2005.

MARIE THIOILLIER, M., *Dicionário das Religiões*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1990.

MATTAL, G., *Dicionário de espiritualidade*, Edições Paulinas/Paulistas, Lisboa, 1989.

MEIRINHOS, J. F., «Martinho de Braga e a compreensão da natureza na alta Idade Média (séc. VI): símbolos da fé contra a idolatria dos rústicos», REVSITA Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, 395-414, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4867.pdf> (5 de Dezembro 2016).

AZEVEDO, C. MOREIRA., *História Religiosa de Portugal*, Circulo de Leitores, Volume I, Rio de Mouro, 2000.

OLIVEIRA, P. M., *História Eclesiástica de Portugal*, Europa América, Mem-Martins, 1994.

OLIVEIRA, Z., Mitos Pagãos e cristianismo em Portugal, in *Lumen*, ano 34º, fasc. X, 1970.

PARAFITA, A., *Antropologia da comunicação, Ritos, Mitos. Mitologias*, Âncora Editora, Lisboa, 2012.

PARAFITA, A., *O Maravilhoso Popular, Lendas, Contos, Mitos*, Plátano Editora, Lisboa 2000.

PEREIRA COUTINHO, J., “Religião e outros conceitos”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, 2012.

ROQUE DE ALMEIDA, A., *A história da Igreja em Portugal*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1996.

RODRIGUES, D., *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, Edições Afrontamento, Porto, 2007.

SCHLESINGER, H.; PORTO, H., *As Religiões ontem e hoje*, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.

VERISSIMO, C., *Rezas antigas o povo de Sesimbra*, Câmara Municipal de Sesimbra, 2000.

[www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/religiao-segundo-durkheim/50710](http://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/religiao-segundo-durkheim/50710), (5 de Fevereiro de 2017)